51

APPENDICE A CONSTITUIÇAO MORAL
E DEVERES DO CIDADAO COM EXPOSIÇAO
DA MORAL PUBLICA CONFORME O ESPIRITO
DA CONSTITUIÇAO DO IMPERIO POR
JOSE DA SILVA LISBOA RIO 1825

APPENDICE

A'

CONSTITUIÇÃO MORAL.

HAvendo, ainda que mui imperfeitamente, exposto a *Constituição Moral*, manifesta pelas luzes da razão, ajudado pelas Regras da Revelação, considerei, que não seria inutil accrescentar hum Epilogo da *Moral Mundana*, e da *Moral Christaã*; a fim de que, pelo seu contraste, se conheça a necessidade de guardar-se no Imperio do Brasil (salva a *Tolerancia Politica* concedida por imperiosas Razões de Estado) a Religião Catholica, Apostolica, e Romana, que mostrou a *Grande Luz* ás Nações que vivião nas trevas; perpetuando-se a Doutrina Evangelica, que tem subsistido por não interrompida serie de Successores do Principe dos Apostolos S. Pedro, o qual traspassou a *Cadeira da Verdade* da Capital da Judéa (cuja total destroição fôra prophetizada pelo Redemptor do Mundo) para Roma, a Capital do Imperio Romano, então o maior e mais civilizado Estado da Terra, donde em consequencia melhor se poderia propagar o Novo Codigo, que continha as Bases da verdadeira *Constituição* das *Constituições*.

Desejava tambem addir huma Dissertação sobre a *Verdade da Religião Christaã*, tão contradicta e vilipendiada pelos impios, infieis, e libertinos, que tem produzido maiores males pelo *Furor Revolucionario*, que os que a Humanidade tem soffrido pelo *Erro Fanatico* de escuros tempos. O Apostolo das Gentes admoesta aos Christãos estar promptos para dar *razão da Fé* que professão. Porém essa tarefa, além de muito exceder as minhas faculdades, he mais digna e propria dos *Mestres da Lei*. Restringir-me-hei por tanto a hum *Resumo* das Regras Evangelicas, e das Razões Philosophicas,

que bastem a satisfazer a todo o espirito recto sobre a excellencia da Moralidade e Piedade, que o nosso Divino Salvador veio ensinar ao Mundo pervertido. Pelo parallelo dos capitulos seguintes, espero se evidenceie o *criterio da verdade*, para os bons cidadãos, que não reconhecem máos motivos das acções boas, se esconjurarem da Moral Mundana, que se funda no *amor-proprio*, e na cubiça de bens caducos, e seguirem a Moral Christãa, que se estabelece no Amor de Deos, e esperança da felicidade eterna.

CAPITULO I.

Moral Mundana.

O Credito que na Republica das letras adquirio o Duque de La *Rochefaucauld* pelo seu livro das *Reflexões Moraes*, em serie de 528 *Maximas* (algumas das quaes ja citei nesta obra); e o apreço, que se lhe deo na Europa, onde foi traduzido em varias linguas, principalmente depois que *Voltaire* lhe fez elogios na *Noticia* que deo dos Escriptores do seculo do Monarcha Francez Luiz XIV., dizendo ter sido hum dos que mais contribuio a formar o gosto da Nação, e dar-lhe espirito de justeza e concisão; obrigão-me a advertir a Mocidade, que ella só contem *Moral Mundana*; pois faz o quadro dos homens, como são no estado corrupto, e não como devião, e podião ser, se adoptassem a *Moral Christãa.*

Aquelle seu panegyrista, inimigo do Christianismo, approva o erroneo principio fundamental desta obra, affirmando ser *verdade*, que o *amor-proprio he o movel de tudo*, dizendo porém, que he a unica verdade nella contenda, bem que o mesmo pensamento se apresente em aspectos variados.

O Author das *Maximas* foi com razão accusado de *calumniar a natureza humana*, e Mr. *Suard*, que deo nova edição dellas no corrente anno de 1825, sómente excusa por haver elle escripto em tempo de facções, e intrigas politicas, em que a hypocrisia predomina, faz-se continuo jogo das paixões violentas, e o *interesse pessoal* se intromette em tudo, governa tudo, e corrompe tudo.

O mesmo Author todavia reconheceo a supremazia da virtude, e a sua influencia na Humanidade, enunciando as seguintes Maximas (187 — 223 — 513.)

He preciso estar de accordo, *em honra da virtude*, que as maiores infelicidades dos homens são as em que elles cahem pelos seus crimes.

A hypocrisia he huma homenagem que o vicio rende á virtude.

Por máos que sejão os homens, não ousarião parecer inimigos da virtude; e quando a querem perseguir, fingem crer que ella he falsa, ou lhe imputão crimes.

Amor-proprio.

Não sentimos os nossos bens e os nossos males senão em proporção do nosso amor-proprio.

O amor-proprio soffre mais impacientemente a condemnação de nossos gostos, que de nossas opiniões.

O afferro, ou a indifferença, que os antigos philosofos tinhão a vida, não era senão o gosto do seu amor-proprio.

O amor-proprio nos augmenta ou nos diminue as boas qualidades dos nossos amigos, em proporção da satisfação que temos delles; e julgamos do seu merito pela maneira com que vivem com nosco.

Não ha paixão em que o amor de si mesmo reine tão poderosamente como na do amor: o amante he muitas vezes disposto a sacrificar antes o descanço da pessoa amada, do que a perder o seu.

No ciume ha mais amor-proprio que amor do objecto que se ama.

Nenhuma cousa deve diminuir mais a satisfação que temos de nós mesmos, que o ver, que desapprovamos em hum tempo o que approvamos em outro.

Amizade.

O que os homens tem chamado *amizade*, não he senão parceria, ou manejo reciproco de interesses, hum cambio de bons officios, hum commercio em que o amor-proprio se propõe sempre algum ganho.

Não podemos amar cousa alguma se não com relação á nós mesmos, e não fazemos mais que seguir o nosso gosto, e o nosso prazer, quando preferimos os nossos amigos a nós mesmos: todavia he só por esta preferencia que a amizade póde ser verdadeira e perfeita.

Perdoamos facilmente aos nossos amigos os defeitos que não nos prejudicão.

O primeiro movimento de alegria que temos pela felicidade dos nossos amigos, não vem sempre da bondade da nossa indole, nem da amizade que lhe temos; ás mais das vezes he hum effeito do *amor-proprio*, que nos lisongea com a esperança de sermos tambem felizes, ou de percebermos alguma utilidade da boa fortuna dos nossos amigos.

Muitas vezes nos persuadimos poder amar algumas pessoas mais poderosas que nós, e comtudo he só o *interesse* que produz a nossa amizade: não nos damos á ellas pelo bem que pertendemos fazer-lhes, mas pelo que desejamos receber das mesmas.

Arrependimento.

O arrependimento não he tanto hum pezar do mal que temos feito, como o temor do que nos pode acontecer.

Bondade.

Não ha cousa mais rara que a verdadeira bondade: as mesmas pessoas que imaginão tella, de ordinario a praticão por condescendencia, ou fraqueza.

Faz-se muitas vezes o bem, para se poder impunemente fazer mal.

Nenhum individuo merece ser louvado pela sua bondade, se não tem a força de ser máo; toda a outra bondade não he á maior parte das vezes mais que preguiça, ou impotencia da vontade.

O verdadeiro homem honesto he o que não se pica de cousa alguma.

A intenção de não enganar jamais, nos expõe a ser muitas vezes enganados.

Clemencia.

A clemencia dos Principes não he muitas vezes se não politica, para ganhar a affeição dos povos.

A clemencia que se qualifica de virtude, se pratica humas vezes por vaidade, outras vezes por preguiça, e muitas vezes por temor, e quasi sempre por todos estes motivos simultaneos.

Compaixão.

A compaixão he muitas vezes o sentimento de nossos proprios males nos máles dos outros: he huma previdencia habil das infelicidades em que podemos cahir. Damos soccorros aos outros para os empenhar a nos dar iguaes em occasiões semelhantes; e os serviços que lhes prestamos, á fallar propriamente, são hum bem que nós, por avanço, fazemos a nós mesmos.

Conselho.

Ha muitas vezes menos habilidade em saber aproveitar de hum bom conselho, que em bem aconselhar a si mesmo.

Nada se dá tão liberalmente como o conselho.

Dão-se conselhos, mas não se inspira a conducta.

Constancia.

A constancia dos sabios não he mais que a arte de encerrar a sua agitação no seu coração.

Cremos muitas vezes ter constancia nas infelicidades, quando não temos mais que abatimento de espirito; soffremo-las, sem ousar encarallas, como os cobardes se deixão matar por medo de se defenderem.

Os condemnados ao ultimo supplicio algumas vezes affectão constancia e desprezo da morte; o que não he se não o temor de olha-la; de sorte que se pode dizer, que tal constancia e desprezo são para o seu espirito, e que o lenço he para os seus olhos.

Dignidade.

Quando a fortuna nos surprende dando-nos hum grande lugar, sem nos ter conduzido por gráos, ou sem que nos tenhamos á elle elevado por nossas esperanças, he quasi impossivel o sustentarmo-nos nelle bem, e parecermos dignos de occupallo.

Os grandes nomes abaixão, em lugar de elevar, aquelles que não os sabem sustentar.

Ha huma elevação que não depende da fortuna; he hum certo ar que nos distingue, e que parece destinarnos á grandes cousas; he hum preço que damos impercepṫivelmente á nós mesmos: por esta qualidade he que usurpamos as attenções dos outros homens; ella, de ordinario, he a que nos põe acima dellés, mais do que o nascimento, dignidades, e até o mesmo merecimento.

Ha merecimento sem elevação; mas não ha elevação sem algum merecimento.

Felicidade.

A felicidade está no gosto, e não nas cousas: somos felizes por termos o que amamos, e não por ter o que outros achão amavel.

Fidelidade.

A felicidade que se manifesta na maior parte dos homens, não he senão huma invenção do amor-proprio para attrahir a confiança: he hum meio de nos elevar acima dos outros, e nos fazer depositarios das cousas as mais importantes.

Fortaleza.

Se resistimos ás nossas paixões, he mais pela sua fraqueza, do que pela nossa fortaleza.

A força e fraqueza de espirito são mal nomeadas: com effeito ellas não são mais que a boa ou má disposição dos orgãos do corpo.

A fraqueza he mais opposta á virtude que o vicio.

A fraqueza he o unico defeito que se não pode corrigir.

Só as pessoas que tem firmeza, podem ter verdadeira doçura; as que parecem doces, de ordinario não tem senão fraqueza, que facilmente se muda em acrimonia.

A timidez he hum defeito, que he perigoso objectar á alguem que se pertende corrigir.

Quando os grandes homens se deixão abater pela extensão de seus infortunios, fazem ver, que só se sustentavão pela força de sua ambição, não pela de sua alma; e que os heróes são como os mais homens, só tendo mais vaidade.

Muitas vezes por fraqueza nos consolamos dos males, quando a razão não tem a força de nos consolar.

Todos temos assás força para supportar os males dos outros.

Temos mais força que vontade; muitas vezes, para desculparmos a nós mesmos, he que imaginamos que as cousas são impossiveis.

Vale mais empregar o nosso espirito em supportar os infortunios que nos sobrevem, do que em prever os que nos podem acontecer.

Fortuna.

A fortuna e o temperamento governão o mundo.

Não obstante a differença que parece haver entre as fortunas, ha huma certa compensação de bens e males que as fazem iguaes.

Por maiores que sejão as vantagens que a natureza dê, não he ella só, mas tambem a fortuna com ella, que faz os heróes.

A fortuna dirige tudo á vantagem das pessoas á quem favorece.

A felicidade ou infelicidade dos homens não depende menos do seu temperamento que da fortuna.

Os homens se lisongeão de suas grandes acções: ellas muitas vezes não são os effeitos de grandes designios, mas os effeitos do hazar.

Parece que as nossas acções tem estrellas felizes ou infelizes, á que se devem em grande parte o louvor, ou o vituperio, que se lhes dá.

Não ha accidentes tão infelizes, de que as pessoas habeis não tirem alguma vantagem, nem tão felizes, que os imprudentes não possão converter em seu prejuizo.

O nosso merito nos attrahe a estima dos bons homens, e a nossa estrella a estima do Publico.

Gratidão.

Os que desempenhão os deveres da gratidão, não se podem lisongear por isso que são reconhecedores dos Beneficios.

He grande infelicidade fazer beneficios á ingratos; porém he mal insupportavel beneficiar a máo homem.

A gratidão he como a boa fé que os Negociantes guardão no commercio: muitas vezes pagamos as nossas dividas, não porque seja justo satisfazellas, mas só a fim de mais facilmente achar pessoas que nos fação emprestimos.

Não se achão ingratos, em quanto nos achamos em estado de fazer bem.

Os homens são sujeitos não somente a perder a lembrança dos beneficios, e das injurias, mas até a aborrecerem aquelles mesmos que os beneficiarão, e cessão de aborrecer aquelles que lhes tem feito ultrajes.

Ha homem ingrato, que he menos culpado de sua ingratidão, que o que faz o bem.

O que faz desconto no reconhecimento, que se espera dos beneficios que se tem feito, he porque o orgulho de quem dá, e o orgulho de quem recebe, não se podem ajustar sobre o preço do beneficio.

O orgulho não quer dever, e o amor proprio não quer pagar.

O bem que temos recebido de alguem requer que hajamos respeito ao mal que este nos tem feito.

O reconhecimento dos beneficios na maior parte dos homens não he senão hum forte e secreto desejo de receber maiores.

Quasi todo o mundo tem prazer em se desempenhar de pequenas obrigações; muitas pessoas tem reconhecimento dos beneficios mediocres; mas quasi não ha pessoa alguma que não tenha ingratidão pelos grandes.

Gravidade.

A gravidade he hum mysterio de corpo, inventado para occultar os defeitos do espirito.

Educação.

A educação que se dá de ordinario aos jovens, he hum segundo amor-proprio que se lhe inspira.

Generosidade.

O que parece generosidade, não he muitas vezes senão huma ambição disfarcada, que despreza pequenos interessés para ir aos maiores.

Gloria.

A gloria dos homens se deve sempre medir pelos meios de que se servirão para adquirilla.

Elevamos a gloria de huns para abaixar a de outros.

Humildade.

A humildade he a verdadeira prova das virtudes christãas: sem ella, conservariamos todos os nossos defeitos, os quaes só são encubertos pelo orgulho que os occulta aos outros homens, e ás vezes á nós mesmos.

A humildade não he muitas vezes senão huma submissão fingida de que os homens se servem para submetter os outros; he hum artificio de orgulho, que se abaixa para se elevar; e posto se transforme em mil maneiras, jámais se disfarca melhor, e he mais capaz de enganar, do que quando se occulta debaixo da figura da humanidade.

Hypocrisia.

Em todas as profissões cada qual affecta hum semblante e hum exterior especial, a fim de parecer o que elle quer que se creia. Assim pode-se dizer, que o mundo não he composto se não de farças.

Ha nas afflicções diversas sortes de hypocrisia: sob pretexto de chorar a perda de huma pessoa que nos he cara, não choramos senão a nós mesmos: nisso choramos a diminuição de nosso bem, de nosso prazer, de nossa conservação. Assim os mortos tem a honra das lagrimas que não correm senão para os vivos. Digo que

he huma especie de hypocrisia, porque nestas sortes de afflicções se faz engano á si mesmo. Ha outra hypocrisia que não he tão innocente, porque impõe á todo o mundo; he a afflicção de certas pessoas que aspirão á gloria de huma continua e immortal dor.... chora-se para ter a reputação de ser terno; chora-se para ser chorado: chora-se para ser condoido, em fim chora se para evitar a vergonha de não chorar.

Ha falsidades disfarcadas, que representão tão bem a verdade, que seria julgar mal não se deixar enganar.

A simplicidade affectada he huma impostura delicada.

Amamos sempre aquelles que nos admirão, e não amamos sempre aquelles que admiramos.

Promettemos conforme ás nossas esperanças, e cumprimos conforme aos nossos temores.

O desprezo das riquezas era nos philosophos hum desejo occulto de vingar o seu merecimento da injustiça da fortuna, desdenhando os bens de que ella os privava: era um segredo para se assegurarem contra o aviltamento da pobreza: era hum caminho extraviado para subirem á consideração que não podião ter pelas riquezas.

He difficil certificar, se hum procedimento sincero e honesto he o effeito da probidade, ou da habilidade.

O mundo recompensa ás mais das vezes antes as apparencias do merito, que o merito real.

Innocencia.

A innocencia não acha tanta protecção como o crime.

Ha crimes que vem a ser innocentes, e até gloriosos, pelo seu numero, e excesso. Porisso as *ladroeiras publicas* se reputão *habilidades*, e tomar provincias injustamente, se chama *fazer conquistas.*

Interesse.

O interesse falla todas as sortes de lingoas, e representa todas as sortes de farças, até a do *desinteressado.*

As virtudes se perdem no interesse, como os rios no mar.

O interesse que cega a huns, faz a luz dos outros.

O interesse põe em obra todas as sortes de vicios e virtudes.

Hum homem habil deve regular o predicamento de seus interesses, e conduzir cada hum na sua ordem. A nossa avidez muitas vezes a turba, fazendo-nos correr á tantas cousas ao mesmo tempo, que, por desejar demasiado as menos importantes, vimos a ter falta das mais consideraveis.

Os mais habeis affectão toda a sua vida condemnar a lisonja, para se servirem della em alguma grande occasião, e por algum grande interesse.

Não se gosta de louvar aos outros, e não se louva a pessoa alguma sem interesse. O louvor he huma lisonja habil, occulta, delicada, que satisfaz differentemente a quem o dá, e a quem o recebe; hum o toma, como premio de seu merito; e outro o dá para fazer que se reconheça a sua equidade, e o seu discernimento.

O bom natural, que se louva de ter tanta sensibilidade, he muitas vezes suffocado pelo menor interesse.

A razão de muitas vezes nos descontentarmos dos Negociantes, he que elles abandonão quasi sempre o interesse de seus amigos pelo interesse de seu negocio.

O interesse que se accusa como a causa de todos os nossos crimes, muitas vezes merece ser louvado em nossas boas acções.

Inveja.

O mais verdadeiro signal de ter nascido com grandes qualidades, he ter nascido sem inveja.

A nossa inveja dura sempre mais longo tempo que a felicidade daquelles que invejamos.

A jelosia he justa e racionavel de alguma maneira; pois que não tende senão a conservar o bem que nos pertence, ou que pensamos que nos pertence; a inveja porém he hum furor, que não pode supportar o bem dos outros.

Ha mais gentes sem interesse do que sem inveja.

A inveja he mais irreconciliavel que o odio.

Muitas vezes tem-se vaidade das paixões as mais criminosas; mas a inveja he huma paixão timida, e vergonhosa, que ninguem jamais se atreve a confessar.

O orgulho que nos inspira tanta inveja, muitas vezes tambem nos serve para moderalla.

Justiça.

O amor da justiça na maior parte dos homens he só o temor de soffrer injustiça.

A justiça não he muitas vezes se não hum vivo receio de que não se nos tire o que nos pertence: dahi provém a consideração e o respeito que temos por todos os interesses do proximo, e a escrupulosa attenção a não causar lhe prejuizo algum: este temor retem os homens nos limites dos bens, que o nascimento ou a fortuna lhes tem dado; e, sem este temor, farião continuos corsos huns sobre os outros.

A justiça nos juizes que são moderados, não he senão o amor de sua elevação.

Não obstante a disposição, que o mundo tem de julgar mal, todavia á maior parte das vezes antes se faz graça ao falso merecimento, que justiça ao verdadeiro.

Condemna-se a injustiça, não pela aversão que se tem por ella, mas pelo prejuizo que da mesma resultaria.

Liberalidade.

O que se chama liberalidade não he à mais das vezes senão a vaidade de dar, a qual estimamos mais do que o que doamos.

Louvor.

Ha pessoas que se approvão no mundo que não tem outro merecimento se não os vicios que servem ao Commercio da vida.

A repulsa do louvor he hum desejo de ser louvado duas vezes.

O desejo de merecer os louvores que se nos dão, *fortifica a nossa virtude*: os que se dão ao espirito, ao valor, e a belleza, contribuem a augmentallos.

He de alguma sorte tomar parte nas bellas acções o louvallas de bom coração.

O signal de hum merecimento extraordinario he o ver, que os que mais o invejão, são constrangidos a louvallo.

Louvar os Principes por virtudes que não tem, he dizer-lhes impunemente injurias.

Ha censuras que louvão, e louvores que maldizem.

O odio aos validos dos Principes não he outra couza mais do que o desejo do favor dos mesmos Principes. O despeito de não possuir o valimento se consola e suaviza pelo desprezo que se mostra a quem o possue.

A lisonja he huma moeda falsa, que só tem curso pela nossa vaidade.

Crê-se muitas vezes aborrecer a lisonja; mas só se aborrece pela maneira de lisonjear.

A galantaria de espirito consiste em dizer cousas lisongeiras de maneira delicada.

Não se teria prazer, se nunca se fizesse lisonja.

Magnanimidade.

A magnanimidade he assaz bem definida pelo seu mesmo nome: comtudo poder se-hia dizer, que ella he o bom senso do orgulho, e a via mais nobre de receber louvores.

A magnanimidade despreza tudo para ter tudo.

Matrimonio.

Ha bons matrimonios, mas poucos deliciosos.

Moderação.

A moderação he como a sobriedade; desejar-se-hia comer mais; porém teme se que faça mal.

A moderação na boa fortuna não he de ordinario mais que o temor da vergonha, que segue ao arrebatamento, ou o medo de se perder o que já se possue.

A moderação das pessoas felizes vem da serenidade que a boa fortuna dá ao seu temperamento.

A moderação he hum temor de cahir na inveja, e no desprezo que merecem os que se embriagão de sua felicidade; he huma vãa ostentação da força de nosso

espirito: em fim a moderação dos homens na sua maior elevação he o desejo de parecer maiores que a sua fortuna.

Orgulho.

O orgulho he igual em todos os homens; não ha differença se não nos meios, e nos modos de o manifestar.

O orgulho tem mais parte que a bondade nas representações que fazemos aos que commetterão faltas; não as fazemos tanto para se corrigirem, como para lhes mostrarmos que somos isentos dellas.

O mesmo orgulho que nos faz condemnar os defeitos de que nos julgamos isentos, nos instiga a desprezar as boas qualidades que não temos.

He mais por orgulho, do que por falta de luzes que os homens se expõe com tanta obstinação ás opiniões as mais seguidas: achão os primeiros lugares tomados no *bom partido*, e não querem os ultimos.

A promptidão em crer o mal sem o ter examinado, he effeito do orgulho, e da preguiça. Queremos achar culpado, e não queremos ter o trabalho de examinar os crimes.

Se não tivessemos orgulho, não nos queixariamos do orgulho dos outros.

Parece que a natureza, que tão sabiamente dispoz todos os orgãos do nosso corpo para nos fazer felizes, tambem nos tem dado o orgulho para nos poupar a dor de conhecer as nossas imperfeições.

Perseverança.

A perseverança não he digna de louvor, nem de vituperio; porque não he senão a duração dos gostos e sentimentos, que não se tirão, nem se dão.

Ha huma inconstancia nos homens que vem da leveza do espirito, ou da sua fraqueza, que lhes faz receber todas as opiniões dos outros; ha huma especie de inconstancia que he mais desculpavel, e he a que provém do desgosto das cousas.

Preguiça.

He engano crer que só paixões violentas, como a

ambição, e o amor, podem triumphar das outras. A preguiça, não obstante toda a sua languidez, muitas vezes não deixa de ser a senhora: ella usurpa sobre todos os designios, e sobre todas as acções da vida; ella destroe, e consome insensivelmente, as paixões, e as *virtudes.*

Prudencia.

Não ha elogios que senão tenhão dado á prudencia: comtudo, por maior que ella seja, não nos poderia assegurar do menor successo; porque ella se exerce sobre o homem, que he o ente o mais mudavel do mundo.

He mais facil ser prudente para os outros, do que o ser prudente para si.

Poucas pessoas são assaz prudentes para preferirem a censura que lhes he util, á lisonja que as atraiçoa.

A imprudencia nos accompanha em todos os tempos da vida: se alguem parece mais prudente, he porque as suas louvoures são proporcionados á sua idade, e á sua fortuna.

Qualidades.

O mal que fazemos não nos attrahe tantas perseguições, como as nossas boas qualidades.

Exaggeramos as boas qualidades dos outros, mais pela estima dos nossos proprios sentimentos, do que pela estima de seu merecimento: queremos attrahir louvores, quando parece que lh'os damos.

Ha más qualidades que fazem os grandes talentos.

Todas as nossas qualidades são incertas e duvidosas, tanto no bem, como no mal, e estão quasi todas á mercê das occasiões.

Não basta ter grandes qualidades; he preciso ter economia.

A avareza he mais opposta á economia que a liberalidade.

A arte de saber pôr em obra qualidades mediocres, tira-lhes a estimação; porém muitas vezes dá mais reputação que o verdadeiro merecimento.

Reconciliação.

A reconciliação com os nossos inimigos não he senão o desejo de fazer melhor a nossa condição, o cansaso da guerra, e o temor de algum máo sucesso.

Sinceridade.

A sinceridade he huma abertura de coração: acha-se em poucas pessoas; e a que se vê, de ordinario não he mais que huma fina dissimulação, para attrahir a confiança dos outros.

Nada he menos sincero que a maneira de pedir e dar conselhos: o que os pede, parece ter confiança respeitosa nos sentimentos de seu amigo, ainda que aliás só pertenda fazer lhe approvar os seus, e constituillo fiador da propria conducta; e o que dá o conselho, paga a confiança, que o outro lhe testemunha, com zelo ardente e desinteressado, bem que ás mais das vezes nos conselhos que dá, não tem em vista senão o seu interesse, e a sua gloria.

As pessoas fracas não podem ser sincéras.

Semos tão accostumados a nos disfarçar aos outros, que por fim nos disfarçamos a nós mesmos.

Confessamos os nossos defeitos, para reparar pela nossa sinceridade o mal que temos feito no espirito dos outros.

O que faz ver que os homens conhecem os seus defeitos mais do que se pensa, he que, quando fallão de sua conducta, mostrão que jamais tem obrado mal: o mesmo amor proprio que de ordinario os cega, os esclarece então, e lhes dá vistas tão justas, que lhes faz supprimir ou disfarcar as menores cousas que podem ser condemnadas.

Valor.

O amor da gloria, o temor da vergonha, o designio de fazer fortuna, o desejo de fazer a nossa vida commoda e agradavel, e a ancia de abaixar os outros, são muitas vezes as causas do *valor* tão celebrado entre os homens.

O valor nos soldados simples he huns mester peri-

goso, que só se tomou para ganhar a vida.

O perfeito valor e a cobardia são dous extremos a que raras vezes se chegão: o espaço que ha entre elles he vasto, e contém todas as outras especies de coragem. Entre elles não ha menos differenças que entre rostos e temperamentos.

O perfeito valor he o daquelle que faz sem testemunhas o que seria capaz de fazer diante de todo o mundo.

A intrepidez he huma força extraordinaria d'alma, que a eleva acima das perturbações, desordens, e angustias, que a vista de grandes perigos poderia excitar nella: por esta força he que os heróes se sustentão em estado sereno, e conservão o livre uso de sua razão nos accidentes os mais espantosos, e os mais terriveis.

A maior parte dos homens se expoem assaz na guerra para salvar a sua honra; mas poucos se querem sempre expor, quanto he necessario, para se conseguir bom effeito do designio para que elles se expõem.

Não se quer perder a vida, e quer-se adquirir gloria: isto faz que os homens bravos tem mais astucia de espirito para evitar a morte, do que os que vivem da trapaça para conservar os seus bens.

Velhice.

Os Velhos gostão de dar bons preceitos, para se consolarem de não se verem mais em estado de dar máos exemplos.

Verdade.

A verdade não faz tanto bem, como as suas apparencias forem mal no mundo.

A aversão á mentira he muitas vezes huma imperceptivel ambição de fazer os nossos testemunhos dignos de consideração, e attrahir ás nossas palavras hum respeito de religião.

A nossa disconfiança justifica a fraude dos outros.

Vergonha.

Teriamos muitas vezes vergonha das nossas mais bel-

las acções, se o mundo visse todos os motivos que as produzem.

Virtude.

A vaidade, a vergonha, e sobretudo o temperamento, constituem muitas vezes o valor dos homens, e a virtude das mulheres.

Os vicios entrão na composição das virtudes, como os venenos entrão na composição dos remedios. A prudencia os ajunta e tempera, e delles se serve utilmente contra os males da vida.

Não se despreza a todos que tem vicios; mas desprezão se a todos que não tem virtude alguma.

O nome da virtude serve ao interesse tão utilmente como os vicios.

A virtude não iria tão longe, se a vaidade não lhe fizesse companhia.

São precizas maiores virtudes para sustentar a boa fortuna, do que para sustentar a má.

Quando só a preguiça e a timidez nos retem em o nosso dever, muitas vezes faz-se disso toda a honra á nossa virtude.

O que nos impede muitas vezes de nos abandonarmos á hum só vicio, he o termos muitos vicios.

Ha certos defeitos, que, sendo bem modificados, brilhão mais que a mesma virtude.

Só pertence aos grandes homens ter grandes defeitos.

As pessoas felizes não se corrigem jamais: ellas crêem sempre ter razão, quando a fortuna sustenta a má conducta.

Quando os vicios nos deixão, lisongeamo-nos que nós somos os que os deixamos.

Por maior cuidado que se tome para encubrir as paixões por apparencias de piedade, e de honra, ellas sempre apparecem ao travez destes véos.

Os homens não vivirião muito tempo na sociedade, se não fossem enganados huns pelos outros.

Parece que a Natureza tem prescripto á cada homem, desde o seu nascimento, limites para as virtudes, e para os vicios.

He ser verdadeiramente virtuoso querer sempre ser exposto á vista dos virtuosos.

Depois de ter fallado de tantas virtudes apparentes, he racionavel dizer alguma cousa da falsidade do desprezo da morte, que os pagãos se jactão de tirar de suas proprias forças *sem a esperança de outra vida.* Ha diferença entre soffrer a morte constantemente, e o desprezalla: o primeiro acto he assaz ordinario, mas o segundo não he jamais sincero. — A necessidade de morrer fazia toda a constancia dos philosophos antigos: elles crião que devião ir de boa vontade aonde não poderião impedir que fossem; e não podendo eternizar a sua vida, não lhes restava outra cousa que eternisar a sua reputação. — A gloria de morrer com firmeza, a esperança de ser chorado, o desejo de deixar boa fama, o seguro de libertar-se das miserias da vida, e de não depender mais do capricho da fortuna, são remedios que não se devem rejeitar.

Apologia.

Transcrevi esta porção das *Maximas* da *Moral Mundana*, para que os que accolherem no coração a seguinte synopse da *Moral Christãa*, saibão executar a Monitoria do seu Divino Mestre — *séde cundidos como as pombas, e prudentes como as serpentes.*

CAPITULO II.

Da Moral Christãa.

Reconhecendo, que, nos essenciaes dogmas da Moral, não se pode dizer, que algum sabio e Legislador tenha feito *descubertas*, propriamente ditas, como se tem feito na Physica; com tudo não se póde em boa fé contestar, que a Moral Christãa, ensinada no Evangelho pelo Salvador do Mundo para a Regeneração da corrupta Humanidade, tem hum *caracter privativo*, e he, em pontos cardeaes, contraria, não só á *Moral Mundana*, descripta no capitulo antecedente, mas tambem á *Moral Estoica*, tão afamada, e seguida pelos mais illustres heróes e philosophos do Imperio Grego e Romano, que mais se distinguirão em civilisação.

As differenças principaes da Moral Christãa á res-

peito da Moral de todos os Povos; consistem nos seguintes artigos.

I. Ordenar o cumprimento dos deveres da Sociedade e Religião, pura e simplesmente, para cordial observancia da manifesta vontade de Deos, e tendo se amor á Deos sobre todas as cousas, sem vistas de interesse mundano, nem de louvor, fama, e consideração dos homens; só requerendo o culto do coração, adoração de Deos em espirito, e verdade, e boas obras de justiça e caridade.

II. Dar *efficaz sancção* contra os vicios, e *motivo adequado* para as virtudes, certificando o Dogma da immortalidade d'alma, e da justa retribuição dos bons e máos no estado futuro e eterno, sobre que antes ainda os mais eminentes e pios escriptores vacillavão; ensinando a formula de oração mais breve e energica para propiciar a Divindade, e implorar a sua clemencia.

III. Reprovar as qualidades, que ordinariamente attrahem a estima e admiração do Genero Humano, como a altivez, vingança, implacabilidade, contenda, que, nos seus geraes effeitos, tem sido prejudiciaes á paz e felicidade das Nações.

IV. Recommendar a *passiva coragem* dos soffrimentos, paciencia das affrontas, perdão das injurias, humildade, mansidão, não-resistencia, reconciliação, concordia.

V. Determinar a geral benevolencia, e ainda o beneficio e amor dos inimigos, aconselhando orar a Deos pelos nossos perseguidores, e calumniadores.

VI. Reintegrar a primordial pureza, harmonia, e perpetuidade, do estado conjugal, dizendo,que, se Moisés concedera o *libello de repudio*, só fôra pela dureza do coração dos Israelistas, e que *ao principio não foi assim.*

VII. Prescrever a regulação dos pensamentos, para se impedir o desenvolvimento da força das tentações pelas *más cogitações.*

VIII. Não impôr austeridades desnecessarias, antes franquear, e até authorizar com o seu exemplo, complacencia e convivialidade nas companhias, e casas de ricos e pobres, ainda de publicanos e peccadores: condemnando affectada tristeza, e cerimonias da ambição, execrando toda a especie de hypocrisia, e arguindo ainda aos discipulos a *furia da intolerancia.*

IX. Universalizar a doutrina da Benevolencia, para se beneficiar toda a creatura, ainda no dia destinado a cessação dos trabalhos, exemplificando até com o caso da *ovelha cahida na cova*, á que se deve logo acudir; concluindo, que, em todo o tempo, *he licito bem-fazer*, e aconselhando o procurar aproximar-nos á Divina Perfeição.

X. Annunciar a necessidade de arrependimento das culpas, e de perseverança nas virtudes, não dando falsas expectativas de felicidade na vida eterna aos que morrerem impenitentes, só fiados na Misericordia Divina.

Eis os mais sustanciaes capitulos da Moral Christãa! Que outra tão espiritual, e com tão maravilhosa originalidade, se tem escripto e pregado, mais conforme á Magestade de Deos, e á dignidade do homem?

Se os homens observassem estas *regras da vida*, he de viva evidencia, e racionavel esperança, que a Sociedade Civil seria da mais apurada moral, e toda a Especie Humana se mostraria huma Companhia de Irmãos.

CAPITULO. III.

Necessidade da Religião, e *Excellencia da Moral Christãa.*

HE de cordial complacencia aos que desejão o progresso da Religião Catholica, o ver que no *Reino Christianissimo* da França, onde no seculo passado abortarão tantos Escriptores inimigos da Lei Evangelica, que até chegarão ao delirio de negar a existencia do Fundador da quella Religião *, nosso Senhor Jesus Christo, depois do Restabelecimento da Monarchia, e da Paz Geral; neste seculo tenhão apparecido obras orthodoxas, com que se tem procurado reparar os males que a Revolução fez á Christandade, e á Civilisação. Entre

* *Volney* na sua obra sobre as *Ruinas* dos Imperios diz, que *Christo* he nome emblematico do culto do sol; e *Dupui* na sua obra sobre a *Origem dos cultos* diz. que os doze Apostolos são *symbolos* dos doze Signos do Zodiaco! Que impostores são taes Escriptores! Bastão os classicos Latinos *Suetonio* e *Tacito* para os desmentir.

elle se distingue a obra de Mr. *Massabiau*, dada á luz em Paris em 1821, cam o titulo de — *Espirito das Instituições Politicas* — Ainda que o seu objecto principal he expor as bases da boa Organisação dos Governos Legitimos, comtudo, indicando entre ellas a Moral e Religião, assim no tom. I. Liv. VI. cap. I. e IV. declara a sua opinião, bem digna de ser attendida, e decorada pela Mocidade Brasileira.

Religião he a Lei Natural, que, unindo o homem á Deos, como a seu soberano Senhor, Juiz, e Pai, ensina-lhe, que a sua alma não morre na dissolução do corpo, más somente muda de vida, não sendo os dias que passa sobre a terra senão o crepusculo da sua immortalidade.

Quantos esforços deploraveis se tem feito para tirar a religião ao homem! Porém que tem resultado? Fez-se mal immenso; *abalarão-se os fundamentos da Moral*: mas o homem ficou religioso. Poder-se-ha ainda fazer muito mal: mas esse *projecto impio* se hade mallograr sempre; porque o *homem he religioso por natureza*.

He impossivel tirar ao homem a religião, como a esperança: pois que ambas são necessarias á sua felicidade. Quando se reflecte sobre os males de que está cheia esta triste vida, quem, a não ser defalmado, ou demente, poderá desejalla sem esperar por melhor vida?

A Religião anima os homens para o bem, os desvia do mal, e consola os infelizes. Só ella pode pagar os heroicos sacrificios, que a sociedade algumas vezes requer, e inspirar a retribuição do Reconhecimento Publico ás almas generosas: sendo amiga dos homens mantendo-lhes a existencia, e sendo amiga da sociedade mantendo os bons costumes, segura a paz, suppre as leis, e, não fazendo mal algum, opéra bens infinitos, que sem ella não gosariamos.

Athêos politicos desejão fazer concordata com a Religião. Reconhecendo a necessidade de Religião para os ignorantes, pensão ao mesmo tempo, que ella não he necessaria ás pessoas de luzes; como se estivesse no poder das luzes o mudarem a nossa natureza, e libertarnos da condição da Humanidade. A Religião he huma necessidade á todos os homens, porque todos tem necessidade de suas esperanças.

Não nos enganemos sobre a verdadeira influencia das luzes. Ainda que haja huma prudencia sublime na virtude, todavia nem tudo nella he prudencia, ao menos quanto ao interesse desta vida; pois que muitas vezes a virtude ordena o sacrificio do mesmo interesse. O effeito das luzes he unicamente o fazer os homens mais circunspectos, a fim de que aos conselhos erroneos das paixões prevaleça o calento de sua *felicidade temporal*; o que de certo he grande bem. Mas o effeito das luzes não he fazer que os homens desprezem essa felicidade, e conduzillos a virtude da *abnegação de si proprios*, abnegação alias, que á virtude pode exigir sem equivalente, ou sem alguma real compensação, até com sacrificio da vida, pois que não pode haver compensação para huma pessoa que se aniquila.

He logo preciso, que hum enthusiasmo magnanimo, transpondo o homem alem de si, o desvie, na carreira da probidade, de todas as considerações do proprio interesse; ora, para tal effeito, as luzes são pouco favoraveis. Na verdade a experiencia prova, que, quanto mais o homem se illumina, tanto menos he susceptivel de paixões irracionaes. Tendo-se grandes conhecimentos, e methodos aperfeiçoados, se forma o habito de circunspecção, e de duvida. Porém o *espirito de calculo*, posto que bom em si, sendo todavia tão capaz de acanhar as almas, quando concentra as suas vistas na vida presente, como de engrandecer as mesmas almas, quando comprehende a immortalidade na vida futura no seu plano de conducta, vem por gráos a apoderar-se inteiramente dos homens, e em consequencia, á esse mesmo espirito de calculo tambem faz a *honra dos seus deveres*.

Desde a epocha em que se inculca esse mal intitulado Projecto Philosophico, he que se pertendeo sujeitar a Moral ao calculo do interesse.

Ha naturalmente huma distancia immensa entre os pensamentos do ente que espera ser immortal, e os pensamentos do ente que não vê outra prespectiva que a *Terra*, e o *Nada*.

Leitor! Baste dizervos: se amais o genero Humano, o vosso Paiz, e a vós mesmo, bemdizei a Religião.

" Jesus foi o primeiro, que separou a Religião da Politica, e que fez huma *Instituição de Moral Univer-*

sal, propria a se applicar á todos os tempos, á todos os lugares, á todos os Governos. Elle a reduzio á este preceito = *ama a Deos sobre tudo, e a teu proximo como a ti mesmo* = ; entendendo por *proximo* todos os homens, sem exceptuar hum só, e nem ainda os inimigos; e, quanto ao mais, deixando os negocios deste mundo no estado em que os havia achado; ordenando aos escravos obedecerem á seus senhores, aos senhores o serem justos e bons para os seus escravos; annunciando á todos os juizos de Deos, diante do qual grandes, pequenos, iguaes, confundidos em algum dia, não serão mais distinctos senão pelas suas obras.

« Aniquilou realmente na prática de suas maximas o despotismo que elle parecia respeitar. Com effeito, a caridade, a humildade, que elle tanto recommendou aos seus discipulos, são igualmente incompativeis com a dureza da escravidão, e o orgulho da tyrannia. Desta maneira a sua admiravel Instituição, feita igualmente para o presente, e para o futuro, evitava todas as censuras, e conciliava todos os votos; e, sem turbar em cousa alguma a paz do mundo, preparou os homens para a liberdade.

« Mas, ainda que fosse admiravel a Instituição Christãa, ella tinha necessidade do soccorro das Leis: se a Religião vai até o coração, onde as leis não podem penetrar, as leis retem os braços, o que a Religião não póde fazer.

« Isto mesmo ainda não basta: he preciso demais, que o homem seja esclarecido. Se o não for, elle se servirá, para authorizar as suas paixões, da mesma Religião que as condemna; e as suas leis terão o cunho de sua ignorancia e de seus erros. As leis não podem obter o seu fim, se não forem providentes e sabias. Emfim, sendo os homens sem luzes, e sendo a Religião mal entendida, ella não sustentará bem as leis; e sendo as leis barbaras, sustentarão mal a Religião. Em huma palavra: se o homem for ignorante, a Religião a mais admiravel corre risco de degenerar nas suas mãos; e, devendo ser o instrumento do bem, como o he por sua natureza, virá a ser hum instrumento do mal pelas nossas paixões.

« De todas as doutrinas capazes de inspirar hu-

manidade, que outra a ensina melhor que o Christianismo, o qual nos representa o Genero Humano, como huma Familia, de que Deos he o Pai, e como hum só Corpo de que elle he a Cabeça; desorte que offender, ou separar os homens, he fazer dilacerar os membros do seu Pai commum? Pondo em fim toda a Moral no amor do proximo, e toda a Religião no amor de Deos, transforma em amor toda a existencia de seus dicipulos. Ora quem ama, como bem disse S. Paulo, *não busca mais o seu interesse*, mas o do objecto que elle ama. Huma sociedade de verdadeiros Christãos teria realizado a fabula da idade de ouro nesta infeliz Terra.

Se o Christianismo não tem produzido este effeito, he porque as nossas paixões são mais poderosas que as nossas doutrinas. Mas, ainda assim, em toda a parte onde os homens não se fizerão surdos á voz do Evangelho, que espantosas reformas esta voz não tem operado em todo o Universo? Os sacrificios humanos, os espectaculos dos gladiadores, a exposição á morte das crianças, e muitos outros costumes ferozes, desappareceráõ para sempre.

CAPITULO. IV.

Das Evidencias da Divina Revelação Evangelica.

Deos virá manifestamente.
Psalm. XLIX. V. 2.

AS *Sociedades da Biblia*, que se achão estabelecidas em quasi todos os Estados da Europa, e dos Estados Unidos d'America do Norte, não só nas Capitaes, mas tambem em muitas Grandes Cidades civilisadas, afim de fazerem traduzir, e propagar por todas as Nações da Terra, a Sagrada Escriptura, distribuindo-se gratuitamente aos pobres, formão admiravel Confederação Religiosa, para, só com as luzes do Evangelho de Gloria á Deos, e paz aos homens benevolos, que revelou o *Salvador do Mundo*, se extinguir a idolatria, confundir a incredulidade, e communicar até os confins da Terra o Beneficio da Redempção do Genero Humano. Como podia, sem força, nem arte, formar-se esta *Liga Visivel* de Espiritos Rectos á bem da Humanidade, se a mais letrada gente

não tivesse a intima convicção da verdade da Divina Revelação, que por tantos modos se patentêa em o Velho, e Novo Testamento? Os Impios, Infieis, e Immoraes, presentemente, mal em clandestinos conciliabulos lêem e communicão os livros dos Coryphêos da Irreligião e Anarchia, com que se tentou no seculo passado completar a desmoralisação, e corruptella dos *filhos da Perdição.*

Os Apologistas da Religião Christãa se tem esmerado em demonstrar as *evidencias externas e internas* da *Missão Divina* do *Messias*, Mestre da Lei Evangelica, que em varios Livros Propheticos da Sagrada Escriptura havia sido annunciada com os Magestosos Titulos de — *Desejado das Gentes*, *Justo*, *Filho do Altissimo*, *Principe da Paz*, *Dilecto*, *Redemptor*, *Libertador*, *Salvador do Mundo&c.*

As *evidencias externas* são os que se manifestão pelas provas da authenticidade das Sagradas Escripturas, e até pelos Testemunhos dos Escriptores Gentios. Isso exige volumes, e está fora do meu proposito.

Indicarei sómente algumas *evidencias internas*, quaes reluzem em notaveis *passagens do Evangelho*, que não se encontrão em livro algum de Religião das Nações mais civilisadas.

Confucio e Zoroastre n'Asia, *Zenão*, *e Socrates* na Europa, que, pela fama de sabedoria, e credito Nacional, estabelecerão Systemas Religiosos, ou fundarão Escolas Moraes, não se proposerão a abolição da Idolatria, Polygamia, e Malicia, que predominavão no Mundo, e nem tiverão sensivel influencia em diminuir as enormes e sanguinarias praticas do Gentilismo.

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judéa, não constando onde adquirisse instrucção, projectou, e conseguio, destruir em breve tempo a Religião Pagãa no Imperio Romano, então o mais poderoso, e civilisado, estabelecido nas tres antes conhecidas partes do Globo, e isso sem a menor ajuda, antes com mortifera opposição dos Doutores, de seu proprio paiz, e de todos os Povos e Potentados da Terra. Elle disse: Em mim se verificão as prophecias; e repetio publicamente em Jerusalem perante a plebe, e Synagoga = Sou Filho de Deos; e venho annunciar aos homens penitencia, e remissão dos pecados, convertendo-se em tempo, e regenerando a sua vida, baptizando-se, e crendo no meu Evangelho: aqui fui mandado por meu Pai Divino para *Revelação ás Gentes*: o que crer e perse-

verar até o fim, procedendo com justiça e caridade, será salvo com gloria immortal no Ceo; o que obrar mal, será condemnado com pena eterna no Inferno. =

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judéa, fez assim o Projecto de derribar a Idolatria estabelecida na Europa, Asia, e Africa, e executar o Plano por todo o Mundo, e em seu lugar substituir huma *Religião Theistica*, e da mais *pura moral*, com excellencia nunca vista nos institutos e escriptos dos maiores Legisladores e Sabios. Para esse prodigioso effeito, não teve por cooperadores, senão doze discipulos, rudes pescadores, que chamou para igual missão, não lhes promettendo vantagem alguma mundana, antes predizendo-lhe incessante e tyrannica perseguição, e ignominiosa morte, pela furia do povo, e das Potencias de todas as Nações, só dando-lhes a expectativa de coroa de gloria no Céo.

Eis *Caracter Original!* Isto não tem parallelo na Historia dos seculos. Estas considerações por si só manifestão, que a promulgação e propagação da Lei Evangelica foi obra sobrehumana, e não se pode, em boa razão, attribuir á outra causa senão á misericordiosa providencia do seu Divino Author, que assim quiz reformar e salvar o Genero Humano.

Muitos pios e doutos Escriptores tem demonstrado as *Evidencias da Revelação Divina*, distinguindo as *evidencias externas* dos Testemunhos e Monumentos que certificão a verdade do Velho e Novo Testamento; das *evidencias internas*, que se deduzem da intuitiva sublimidade das doutrinas, especialmente dos Livros dos Evangellistas, e dos Actos, e Epistolas, dos Apostolos, que a Igreja Catholica sempre reconheceo por genuinos e canonicos. Aqui só apontarei algumas das mais obvias evidencias. Para os incredulos, ou duvidosos, farei as seguintes ponderações.

Que Methaphysico jámais declarou com tão decisiva these a Essencia Divina, como o nosso Salvador dizendo = *Deos he Espirito*, e *Pai de todos os homens?*

Que Theologo melhor explicou a infinita esphéra da Omnisciencia Divina do que como Elle dizendo = *Todos os cabellos da cabeça estão contados; nenhum delles cahe sem ordem do Pai celeste?*

Que Mathematico fez equação de valores, e equilibrio

de balança; como Elle dizendo = *Que aproveita ao homem lucrar todo o Mundo, e perder a sua alma?*

Que Philosopho deo melhor lição de *Tolerancia* do que Elle dizendo aos discipulos que requerião o fogo do Ceo contra os incredulos de sua doutrina = *não sabeis de que espirito sois = Deos faz nascer o seu Sol, e cahir a sua chuva, igualmente sobre os bons e sobre os máos?*

Que Philanthropo deo mais sublime norma de caridade desinteressada do que Elle, dizendo = quando deres esmolla, *não saiba a tua mão direita, o que faz a tua mão esquerda?*

Que Orador arguio com maior vehemencia a hypocrisia (vicio tão dominante) como Elle dizendo — *Ay de vós Scribas e Pharisêos, que só ostentaes pureza no exterior, e sois no interior cheios de hypocrisia e iniquidade, assemelhando-vos á Sepulchros caiados por fora, só achando-se dentro ossáda, e immundicia?*

Que Politico tão providentemente segurou a Ordem Publica, e a Concordia do Socerdocio e Imperio, contra a rebeldia, soberba, insobordinação, do que elle dizendo — *Dai á Deos o que he de Deos, e á Cezar o que he de Cezar — Quem se humilha, será exaltado; quem se exalta, será humilhado —?*

CAPITULO. V.

Observações sobre a Doutrina do Evangelho.

O Ecclesiastico Escriptor Inglez, *Wiliam Paley*, na sua obra das *Evidencias da Religião Christãa* — bem mostra a excellencia da Doutrina do Evangelho. Valer-me-hei de suas observações em quatro pontos cardeaes: Amor de Deos: Oração Dominical: Governo dos Pensamentos: Perdão das Offensas.

,, Amarás a teu Deos com todo o teu coração, com
,, todo o teu espirito, com todo o esforço de tuas fa-
,, culdades. Este he o primeiro e o Grande Mandamen-
,, to: o segundo he semelhante á elle — amarás a teu
,, proximo como a ti mesmo — nestes dous Mandamen-
,, tos se encerra toda a Lei e Prophecia ,,

Hum philosopho moral não podia cifrar melhor todo o Symbolo Evangelico.

Este preceito cardeal fez tanta impressão nos Apostolos, que S. Pedro, * S. Paulo, e S. João, o intimão, quasi pelos mesmos termos, nas respectivas Epistolas. Este Evangelista diz com a sua particular candura — *Quem ama a Deos, ama tambem a seu irmão.* **

A Oração Dominical he hum modelo de supplica ao Creador, da maior brevidade, e profundeza, só propria de hum Enviado de Deos, que bem conhecia a fraqueza da nossa indole, tibieza de devoção, e importunidade de requerimentos; por isso deo a regra de não presumirmos de pedir e obter de Deos com muitas arengas (multiloquio) o que necessitarmos; porque elle bem sabe as nossas precisões. Portanto ensinou a formula a mais compendiosa e solemne, que nunca occorreo á algum Hierophanta, Mystico, ou Liturgico de qualquer Religião.

A Regulação dos pensamentos he necessaria á cura radical dos vicios e crimes, visto que diz o nosso Salvador — do *coração he que procedem as más cogitações, os homicidios, furtos, lascivias &c.; — o que olha para mulher com tenção libidinosa, já violou a castidade.* —

O Systema Moral, que só prohibe as acções, e deixa em liberdade os pensamentos, não he efficaz para segurar a virtude. O conhecimento da constituição do homem, e a experiencia do seu proceder, confirmão esta verdade. O Grande Physiologista *Boerhave*, fallando da dita Doutrina, diz, que até nella mostrou o nosso Salvador, que conhecia melhor que Socrates ao Genero Humano. — O insigne Medico *Haller*, commentando esta passagem de *Boerhave*, assim reflecte: " não escapou á perspicacia do nosso Salvador, que a repulsa de todo o máo pensamento he a melhor sentinella contra o vicio; porque, quando entrão no espirito idéas licenciosas, estas estimulão os desejos desordenados em tal gráo de violencia, que se não pode resistir — cada instante que se passa em meditar sobre algum peccado, augmenta o poder do objecto perigoso, que possue a nossa phantasia. ,,

(*) I — 22 — Ad Rom. XIII. 9. — Gal. V 14.
(**) I Joan. 21

Se fosse universal a disposição dos homens em não perdoar as offensas, a sociedade civil seria huma scena de lutta e guerra continua. Em qualquer grão que prevalecesse a observancia do preceito do perdão das offensas, na mesma proporção se mitigarião os resentimentos, multiplicarião as reconciliações, minorarião as querelas, vinganças, e hostilidades, que são os grandes perturbadores da felicidade humana, e as maiores fontes das miserias da sociedade. Sem a disposição dos homens á indulgencia e concordia, as inimizades, huma vez começadas, serião perpetuas, cada *retaliação* exigiria novo *rebate*, e não se poderião assignar limites á *reciprocação de affrontas e calamidades*.

CAPITULO. VI.

Refutação de Objecções.

Os presumidos de *Espiritos Fortes*, tem feito a Religião Christãa tres capitaes objecções: 1.ª que exige huma pureza de Moral impraticavel á fraqueza do homem: 2.ª que tem sido causa de Intolerancia tyrannica, horridas crueldades, e Guerras Religiosas: 3.ª que tem contra si a incredibilidade de milagres.

Contra a 1.ª objecção bastará responder com o cidado *Paley*: hum Plano de Regeneração da Humanidade não devia ser hum systema de *Excellencia Moral?*

Os que figurão no Theatro da vida, accostumados á laxidão da Moral Mundana, não se podem capacitar, de que, com habitos virtuosos, possa haver muita gente que observe a Lei Evangelica. Mas o nosso Salvador não deu Cartel á vicio algum; e no seu sermão do Monte entre os que enumera participantes da feliz immortalidade, diz ser — *os puros de coração, porque verão a Deos.* Nas classes inferiores dos povos de todos os paizes achão-se milhões e milhões de espiritos rectos, que são os perpetuadores da civilisação e paz dos Estados pela observancia dos *Deveres Christãos.*

Diz o mesmo Escriptor na referida obra Parte III. capitulo VII.

A influencia da Religião Christãa não se deve procurar nos conselhos dos Principes, nas resoluções das Assembléas Populares, na conducta dos Governos a respeito de seus subditos, e dos Estados independentes, mas sim na silenciosa conducta da vida domestica. Nesta he que opéra incessante, mas efficazmente, a sua influencia, reprimindo muito a dissolução pessoal, produzindo a geral probidade nos tratos do povo, adoçando as maneiras da communidade, e occasionando esforços de laboriosa e dispendiosa beneficencia nos individuos, de que alias não ha publica noticia. O reino de Deos está dentro de nós: o que he a essencia da religião, e que dia e noite inspira devoção do coração, freio aos appetites, e observancia da vontade de Deos, he necessariamente invisivel.

O Evangelho, não só não autheriza, mas reprova, perseguições em materias de crença. As que se tem feito, tem tido por causa, ou consciencia erronea, e pessima logica, ou machiavellica politica, e furor de dominação. O Gentilismo, que os pseudo-philosophos louvão por sua *Tolerancia absoluta de seitas*, por ventura não teve horridas guerras civis e estrangeiras? Ainda actualmente as Nações onde não entrou o christianismo, não se fazem as mais sanguinarias hostilidades? A Polonia foi destroida por Cruzada Christãa? As calamidades da França e da Europa, começadas no fim do seculo passado, em que perigou a ordem civil, forão causadas pelos devotos da Religião Christãa, ou pelos seus implacaveis inimigos? Quando faltassem para guerras pretextos religiosos, sempre os mortiferos elementos acharião *novo conductor.*

Entre as pavorosas Lições que a malicia e miseria do Genero Humano tem dado ás gerações presentes e futuras, huma he, que, para ser perseguidor, não he necessario ser devoto; e que, em crueza, e destroição, a Infidelidade leva a palma ao Fanatismo.

A incredulidade nos milagres referidos nos Evangelhos, e Actos dos Apostolos, com o pretexto de que a Natureza he immutavel nas suas Leis, e não se

mostra algum milagre feito em tempos modernos, e paizes illustrados, só se funda na, ainda mais absurda, incredulidade de todo o testemunho humano, quando se referem factos de monstros, e phenomenos extraordinarios, que antes não se tinhão visto. Porventura regeitariamos, com sombra de razão, escriptos de testemunhos dos que primeiro referirão os phenomenos da agulha de marcar, da electricidade, do galvanismo, do eclipse do sol e lua, dos cometas? Quem, antes do descobrimento da polvora, poderia crer, que os homens serião capazes, pela reunião de salitre, enxofre, carvão, formar (por assim dizer) hum *inferno*, para com elle se fazer os, ora tão sabidos, horrores dessa, antes nunca vista, arte pyrabolica, ou diabolica, que até faz terremotos na expolsão de minas?

O sobredito *Paley*, na conclusão de sua excellente obra das — Evidencias da Religião Christãa — tom. II. cap. VIII. assim recapitula a sua Demonstração.

„ A verdade do Christianismo depende de *tres factos*, incontestaveis, de que á Historia da Especie Humana não offerece semelhantes: 1.º Facto: Huma Pessoa particular, sem poder, sem auxilio, sem influencia, ou outra qualquer circunstancia favoravel á execução do mais arduo de todos os Projectos, fundou em Jerusalem huma Nova Religião, contra a estabelecida Religião Judaica e Pagãa. Tal maravilha nunca aconteceo: 2.º Facto: os companheiros dessa Pessoa, depois de ter sido ella crucificada por sentença das Authoridades do Paiz, não obstante ficarem aterrados pelo fado de seu amigo e Mestre, com denodado valor sustentarão no publico, e perante as identicas Authoridades, o caracter sobrenatural do mesmo; affirmando, não só que em sua vida fizera muitos milagres, mas que elles mesmos o virão resuscitado, e havião comido e conversado com o mesmo por quarenta dias, até serem testemunhas de sua ascensão ao ceo. Isto não tem parallelo: 3.º Facto: á despeito de opposições, ameaças, perseguições, e mortes, sahirão a propagar a Nova Religião pelo Mundo. Isto não tem exemplo. Estes tres factos são certos; e o serião sempre, ainda que não se tivesse escripto os Evangelhos. A Historia do Christianismo nunca variou nestes pontos: nenhuma outra foi escripta

contra elles: todas as cartas, controversias, e obras escriptas pelos sectarios desta Religião, desde o seu principio forão concordes em taes factos. — Estas tres proposições, por si só, estabelecem, os fundamentos da nossa fé.

O mesmo *Paley* * no tom. II. cap. II. bem diz: „ Todo o Novo Testamento está cheio de huma *piedade*, que era desconhecida dos Moralistas do Gentilismo: esta piedade, comprehende todas as *virtudes de devoção*, as quaes consistem; na mais profundo veneração á Deos; no habitual reconhecimento de sua bondade e protecção; na firme confiança no justo final resultado de seus conselhos e providencias; na constante disposição a recorrer em todas as occasiões á sua misericordia para supprimento das necessidades humanas, auxilio nos perigos, allivio nas penas, perdão das culpas. „

Eu tambem concluirei notando, que tanto Christo, como os seus Apostolos e discipulos, não procurarão jamais a sua gloria, mas a gloria de Deos, expondo-se á certo sacrificio da sua vida. Este *facto*, tambem não menos incontestavel, nos deve fortificar na mesma fé, attendendo á Regra do criterio da verdade, que nos deo o mesmo Divino Mestre da Lei Evangelica, que S. João refere no seu Evangelho Cap. 17 v. 16 e seguintes.

„ A minha doutrina não he minha, mas daquelle „ que me enviou. — Se alguem quizer fazer a vontade

(*) Tenho citado com especialidade a este Escriptor do corrente seculo pela originalidade de algumas das suas reflexões, e por se ter restricto aos pontos capitaes da verdade da Religião Christãa, sem se implicar nas controversias das varias actuaes Communiões da Christandade pelos infelizes schismas, que tem sobrevindo dos erros e paixões que motivarão a separação de alguns Estados da central União da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, Séde da Orthodoxia. Os Leitores que desejarem aprofundar este assumpto, devem recorrer ás obras dos Apologistas do catholicismo, e com especialidade á *Demonstração Evangelica* do Bispo *Huecio* da França, e aos escriptos do [illegible] *Bergier*.

„ de Deos, reconhecerá, se a minha doutrina vem „ delle, ou se eu fallo de mim mesmo. — O que fal„ la de si mesmo, busca a propria gloria; mas aquel„ le que busca a gloria de quem o enviou, esse he „ verdadeiro, e não ha nelle injustiça.. „

Parece por todo o contexto dos Evangelhos, que o nosso Salvador, que veio trazer paz ao Mundo, não querendo turbar a Ordem Politica estabelecida, conforme a qual havia extrema desigualdade de fortunas e condições dos homens, com summa sabedoria pregou a reforma dos costumes, requerendo dos discipulos a virtude da *Caridade* ou *Beneficencia Universal*, como o meio de obstar aos excessos daquella desigualdade, e constituir ao Genero Humano hum corpo de Irmãos, e isto só com vista á Deos, e não dos homens, como era a ordinaria pratica, e fraca virtude do Gentilismo. Por isso claramente no Evangelho de S. Matheos cap. V. v. 20 deo a regra: " Eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita de que a dos Escribas, e dos Fariséos, não entrareis no Reino dos Ceos „ : e no cap. VI. v. 5. " Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens com o fim de serdes vistos por elles: d'outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai que está nos Ceos. „

CAPITULO. VII.

Deveres Christãos.

Depois dos Evangelistas, que exposerão o principio e fundamento da Instituição do Christianismo, os Apostolos S. Pedro e S. Paulo forão os principaes Mestres dos Deveres Christãos nas suas Epistolas aos primeiros fieis da Igreja. Tendo mostrado a experiencia, quão fraca e incerta seja a virtude humana, praticada só pela luz da razão, sem o auxilio da Graça Divina; para mais se assegurar a observancia dos Deveres de Cidadão, convem aos que professão sinceramente a Religião Catholica, que sempre se regulem pela *Doutrina Apostolica*, que se acha alli exposta em conformidade á Lei Evangelica.

Por isso aqui offereço hum Extracto das ditas Epistolas, especialmente das suas *Regras Moraes*, que constituem huma *Ethica Pratica* para a boa ordem civil.

Extractos das Epistolas de S. Paulo.

Não vos conformeis com este seculo; mas reformai-vos em novidade do vosso espirito, para que experimenteis qual he a *vontade de Deos* boa, agradavel, e perfeita.

Tudo quanto fizerdes, seja de palavra, ou de obra, fazei em nome do Senhor Jesus Christo, dando por elle graças a Deos e Padre. — Ou comais, ou bebais, ou façais outra cousa, fazei tudo para gloria de Deos.

Se alguem falla, seja com as palavras de Deos; se algum ministra, seja conforme á virtude que Deos dá, para que em todas as cousas seja Deos honrado por Jesus Christo; o qual tem a gloria, e o Imperio nos seculos dos seculos.

Nenhum opprima nem engane em nada a seu irmão; porque o Senhor he o vingador de todas estas cousas.

O que quer amar a vida, e *ver os dias bons*, refrêe a sua lingua do mal, e os seus labios não profirão engano. — Aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e vá após della.

Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos attentos aos rogos delles. Mas o rosto do Senhor está sobre os que fazem mal.

Sêde todos de hum mesmo coração, compassivos, amadores da irmandade, misericordiosos, modestos, humildes.

Amai-vos reciprocamente com *amor fraternal*. — Adiantai-vos em honrar huns aos outros.

Pagai á todos o que lhe he devido: á quem tributo, tributo; á quem imposto, imposto; á quem temor, temor; á quem honra, honra.

A' ninguem devais cousa alguma, se não he o amor, com que vos ameis huns aos outros; porque aquelle que ama ao proximo, tem cumprido com a Lei.

Antes de todas as cousas tende entre vós mesmos huma *constante caridade; porque a caridade cobre multidão de peccados.*

Se eu tivesse o dom da prophecia, e conhecesse todos os mysterios, e quanto se pode saber; e se tivesse toda a fé até o ponto de transportar montes, e *não tiver caridade — não sou nada.*

A caridade he paciente, he benigna. A caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente; não se ensuberbece; *não busca os seus proprios interesses*; não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas *folga com a verdade.*

A caridade tudo tolera, toda crê, tudo espera, tudo soffre — *A caridade he o complemento da Lei*, e o *vinculo da perfeição.*

Irmãos, não vos deixeis enganar: as *ruins conservações corrompem os bons costumes.*

Rogamos, Irmãos, que procureis viver quietos, a que trateis do vosso negocio; que trabalheis com as vossas mãos, e que andeis honestamente com os que estão de fóra, e não cubiceis cousa alguma de alguem. — A cubiça he a raiz de todos os males.

Pedimos-vos tambem, que reprehendais os inquietos; que consoleis os pusillanimes; que supporteis os fracos; que sejais pacientes para todos.

Vêde que ninguem dê á outro mal por mal; antes segui sempre o que he bom para com todos.

Temos ouvido que ha entre vós inquietos, que *nada fazem, senão indagar o que lhes não pertence.* A estes que assim se portão, denunciamos, e rogamos no Senhor Jesus Christo, que comão o seu pão trabalhando em silencio.

Se poder ser, quanto estiver da nossa parte, tende paz com todos os homens.

Não vos vingueis a vós mesmos, ó carissimos, mas dai lugar á ira; porque está escripto — *A mim pertence a vingança: eu retribuirei*: diz o Senhor.

Antes pelo contrario, se o teu inimigo tiver fome, dai-lhe de comer; se tiver sede, dai-lhe de beber; porque, se isto fizerdes, amoutuareis brazas vivas sobre a sua cabeça.

Não vos deixies vencer do mal, mas vencei o mal com o bem.

Os ricos do mundo não sejão altivos, nem esperem no incerto das riquezas, mas só no Deos vivo, que nos dá abundantemente todas as cousas para nosso goso: que fação para si hum thesouro com fundamento solido para o futuro, a fim de alcançarem a verdadeira vida.

Não nos façamos cubiçosos da vangloria, provocando, e invejando huns aos outros. Se alguem tem presumpção de que he alguma cousa, sendo nada, seduz a si proprio.

Em quanto ha tempo, obremos o bem para com todos, e principalmente aos domesticos da fé. O que não cuida dos seus domesticos, já negou a fé, e he peior que o infiel.

Toda a pessoa seja sujeita ás Potestades superiores. Porque não ha Potestade que não venha de Deos; e as que ha, essas forão por Deos Ordenadas.

Aquelle pois que resiste á Potestade, resiste á ordenação de Deos; e os que lhe resistem, á si mesmos trazem a condemnação.

Porque os Principes não são para temer, quando se faz o que he bom, mas quando se faz o que he máo. Queres pois tu não temer a Postestade? obra bem, e terás louvor della mesma.

Porque o Principe he Ministro de Deos para bem teu: porque não he de balde, que elle traz a espada. Por quanto elle he Ministro de Deos, vingador em ira contra aquelle que obra mal.

He logo necessario que lhe estejais sujeitos, não sómente pelo temor do castigo, mas tambem por *obrigação da consciencia.*

Casadas, estai sujeitas á vossos maridos, como convem no Senhor.

Maridos, amai as vossas mulheres, não as trateis com amargura, mas com honra.

Filhos, obedecei em tudo aos vossos pais; pois isso he agradavel ao Senhor.

Pais, não provoqueis á indignação aos vossos filhos, para que não se fação de animo apoucado.

Servos, obedecei em todas as cousas á vossos Srs.; não servindo-os só na presença, como por agradar aos homens, mas com sinceridade de coração, temendo a Deos. Tudo o que fizerdes, fazei de boa vontade, como quem o faz pelo Senhor, e não pelos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança.

Senhores prestai aos vossos escravos o que he de justiça e equidade: Sabendo todos, que cada hum, segundo o bem que fizer, assim o receberá do Senhor, seja escravo, seja livre.

E vós outros Senhores fazei isso mesmo com elles, deixando as ameaças; sabendo que o Senhor, tanto delles, como de vós, está nos Ceos; e que não ha accepção de pessoas para elle.

Os que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Velhos e moços inspirai-vos todos a *humildade* huns aos outros; porque *Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes.*

Não blazoneis de cousas altas, mas accomodai-vos ás humildes. — Não sejais sabios aos vossos olhos

Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão da Deos, para que elle vos exalte no tempo da sua visita, remettendo para elle todas as vossas tribulações, porque elle tem cuidado de vós.

O Deos de toda a graça, que nos chamou em Jesus Christo á sua eterna gloria, depois que tiverdes padecido hum pouco, elle vos aperfeiçoará, fortificará, e consolidará.

Sêde prudentes, e vigiai em oração.

Rogo que se fação supplicas, orações, preces, e acções de graças por todos os homens; pelos Reis, e por todos que estão elevados em dignidade; para que vivamos huma vida socegada, e tranquilla, em toda a sorte de piedade, e de honestidade.

Porque isto he bom e agradavel diante de Deos nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e que cheguem a ter o conhecimento da verdade.

Porque só ha hum Deos, e só ha hum Mediador entre Deos e os homens, que he Jesus Christo homem.

Os homens orem em todo o lugar, levantando as mãos puras, sem ira, e sem contenda.

As mulheres tambem do mesmo modo orem em trajo honesto, ataviando-se com modestia, segundo convem ás mulheres que demonstrão piedade por boas obras.

A mulher se salvará pelos filhos que der ao mundo, se permanecer na fé, e caridade, e com santidade junta com a modestia.

Adverte, Tito, aos fieis, que sejão sujeitos aos Principes e aos Magistrados; que lhes obedeção que estejão promptos para toda a boa obra: que não digão mal de ninguem, nem sejão questionadores, mas socegados, mostrando mansidão com todos.

Porque tambem nós algum tempo eramos insensatos, incredulos, mettidos no erro, escravos de varias paixões e deleites, vivendo em malicia, e em inveja, dignos de odio, aborrecendo-nos huns aos outros.

Mas quando appareceo a vontade do Salvador nosso Deos, e o seu amor para com os homens, não por obras de justificação que tivessemos feito, mas segundo a sua misericordia, nos salvou pelo baptismo da regeneração, e renovação do Espirito Santo: o qual elle diffundio ente nós abundantamente por Jesus Christo nosso Salvador: para que, justificados pela sua graça, sejamos herdeiros segundo a esperança da vida eterna.

Esta he huma verdade infallivel.

Irmãos, se alguem como homem for comprehendido em algum delicto, vós outros que sois espirituaes, admoestai-o com *espirito de mansidão.* Considere cada hum a si mesmo, que não seja tambem tentado.

Renunciando á mentira, falle cada hum á seu proximo a verdade; pois *somos membros huns dos outros.*

Se vós irardes, seja sem peccar. Não se ponha o sol sobre a vossa ira.

Irmãos, nunca vos canceis de bem fazer.

Sêde imitadores de Deos, como filhos muito amados: e andai em caridade, assim com Christo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós outros como offrenda e hostia á Deos.

Se alguem ensina doutrina differente desta, e não abraça as sãas palavras de nosso Senhor Jesus Christo, e aquella *doutrina que he conforme á piedade*, he hum soberbo, que *nada sabe*, mas antes titubêa sobre questões e contendas de palavras, donde se originão invejas, bulhas, blasfemias, más suspeitas, altercações de homens *corruptos de entendimento*, e que *estão privados da verdade*, crendo que a piedade he cousa de mero interesse.

Mas a piedade he hum grande lucro, tendo-se o que basta para comer e vestir.

Estes, como animaes sem razão, naturalmente feitos para preza, e para a perdição, blasphemando das cousas que ignorão, parecerão na sua corrupção; como fontes sem agua, e nevoas agitadas de turbilhões, está-lhes reservada a *obscuridade das trevas*.

Porque, fallando palavras arrogantes de vaidade, attrahem aos desejos impuros da carne aos que pouco antes havião fugido dos que vivem em erro, *promettendo-lhes liberdade, quando elles mesmos são escravos da corrupção.*

Extractos da Epistola I. e II. de S. Pedro.

Carissimos, eu vos rogo como a estrangeiros e peregrinos, que vos abstenhais dos desejos carnaes, que combatem contra a alma; tende boa conversação com os Gentios; para que, assim como agora murmurão de vós, como de malfeitores, considerando-vos por vossas boas obras, glorifiquem a Deos no dia da visitação.

Submettei-vos pois á toda a humana creatura por amor de Deos, quer seja ao Rei, como a soberano: quer aos Governadores, como enviados por elle para tomar vingança dos malfeitores, e para louvor dos bons.

Porque assim he a vontade de Deos, que, obrando bem, façais emmudecer a ignorancia dos homens imprudentes:

Como livres, e não tendo a liberdade como véo para encubrir a malicia, mas como servos de Deos.

Honrai a todos: amai a irmandade: temei a Deos: respeitai ao Rei.

Servos, sêde obedientes aos vosos senhores com todo o temor, não sómente aos bons e moderados, mas tambem aos de dura condição.

Porque isto he huma graça, se alguem pelo conhecimento que deve á Deos, soffre molestias, padecendo injustamente.

Porque que gloria he, se, peccando vós, tendes soffrimento, ainda sendo esbofeteados? Mas, se, fazendo bem, soffreis com paciencia, isto he que he agradavel diante de Deos.

Porque para isto he que vós fostes chamados: pois que Christo tambem padeceo por nós, deixando-vos exemplo, para que sigaes as suas pizadas: o qual não commetteo peccado, nem foi achado engano na sua boca: o qual, quando o amaldiçoavão, não amaldiçoava; padecendo, não ameaçava; mas se entregava áquelle que o julgava injustamente.

Appropinquando-vos para a vinda do dia do Senhor, esperamos, segundo as suas promessas, novos Céos, e nova Terra, nos quaes habita a justiça.

Portanto, carissimos, esperando estas cousas, procurai com diligencia que sejais delle achados em paz immaculados, e irreprehensiveis.

E tende por salvação a larga paciencia de nosso Senhor, assim como tambem nosso Irmão carissimo Paulo vos escreveo, *segundo a sabedoria que lhe foi dada.*

CAPITULO. VIII.

Progresso da Religião Catholica n'America.

AInda que o Governo dos Estados Unidos d'America Septemtrional adoptasse na sua Constituição Politica a Tolerancia absoluta dos Credos e Cultos; seja por Especulativo principio philosophico de liberdade das consciencias, e impossibilidade de forçar os espiritos á hum

sentimento unanime em dogmas de Religião positiva; seja pelo motivo interesseiro, e de effeitos experimentados, de attrahir á seu vasto, e ainda mui deserto, paiz população estrangeira; comtudo he de complacencia á Humanidade o vêr-se alli, não só mui predominante a Religião Christãa em suas varias Communhões, mas tambem progressivamente recrescente a Igreja Catholica, não obstante manter-se unicamente por contribuições voluntarias dos fieis; o que constitue novo e solido argumento da sincera convicção da sua verdade. Espero que seja agradavel aos Leitores aqui transcrever os seguintes extractos de duas Orações impressas, feitas nos annos de 1823 e 1824 em Philadelphia perante huma *Sociedade Philosophica* por *C. J. Jugersoll.*

"He politica, ou preoccupação, dos Governos, que usão da Igreja como *Machina de Estado*, desacreditar o nosso Systema, que deixa á Religião o regular-se por si mesma: elles o accusão de infidelidade, e immoralidade: mas não poderão supportar a luz da razão e verdade.

"Os homens intelligentes nos Estados Unidos, com superior unanimidade e sinceridade do que os da Europa, crêem, que, sem religião, o Genero Humano seria barbaro, e desesperaria de melhora. Em nenhum paiz mais do que alli se tem feito melhores Estabelecimentos Ecclesiasticos.... A condição da religião he hum dos melhores criterios para se conhecer o estado intellectual dos povos. Os Ecclesiasticos, além de sua cura d'almas, tem prestado sempre os mais importantes serviços ao espirito humano. A Literatura e Sciencia estiverão, por seculos, entregues exclusivamente á sua tutela. Nos periodos em que o espirito humano esteve mais opprimido, a Igreja foi a Chancellaria da sua preservação. A' ella devemos todas as melhores reliquias da antiga sabedoria: della ainda recebemos muito da nossa educação; pois ainda agora a maior parte dos nossos Mestres são Ecclesiasticos.

Dizemos com satisfação: nos Estados Unidos d'America, (do Norte) sob o poder da Religião Americana, florece a Igreja Anglicana e Romana.

A Igreja Catholica Romana ahi cresce tão vigorosamente como em qualquer outra terra e atmosphera d'America. Desde a Missão de 1790, a Igreja Catholica

Romana se tem espalhado nos Estados Unidos em extensa e respeitavel Hierarchia: esta consiste de huma Sé Metropolitana, dez Bispados, contendo perto de cem Igrejas, sendo algumas de edificios ricos e esplendidos.

O Collegio Catholico, fundado logo depois da Revolução Americana pelo clero do *Estado de Maryland*, capaz de conter duzentos Estudantes, e achando-se com cadeiras de Bellas Letras e Sciencias Philosophicas, foi por hum Acto do Congresso dos Estados Unidos elevado á Universidade. Seminarios Catholicos, Mosteiros, e Retiros Religiosos, se tem introduzido em varios Estados sem força do Governo, e estão lançando seus ramos e perfumes pelos desertos da America. E que bens se não podem esperar de sua sagração e extensão? Até já se tem estabelecido Conventos de Freiras Carmelitas, Urselinas, Apostolinas, do Coração de Jesus, e Irmãas de Caridade de S. José. — Em fim não ha nos Estados Unidos menos de oito mil Igrejas.,,

Ha poucos annos os Membros do Parlamento Britannico se opposerão acerrimamente á abolição do *Trafico da Escravatura d'Africa*, como destructivo do commercio do Paiz, e da agricultura das Colonias: alguns dos Ministros do Gabinete a execrarão com as mais damnadas esconjurações, como abortos dos principios democraticos a desorganisadores. Mas presentemente já o nosso Congresso, e dito Parlamento, tem não só abolido esse Trafico, mas atè declarado-o *pirataria*: e já se preparão melhoramentos circunspectos, e graduaes expedientes para Educação e Emancipação dos escravos sem convulsão do Paiz.

O *Ponto de apoio* dos Melhoramentos da Humanidade está seguro n'America; não só pela sua situação e força, mas tambem por tacito consenso da SANTA ALLIANÇA; pois a recente Convenção entre os Estados Unidos e a Russia, manifesta, que o Imperador *Alexandre* não tomou por Offensa a *Declaração* que o nosso Governo fez da Independencia e Protecção dos Estados do Sul d'America.

"O Original Americano só se dezluz com a mixtura da imitação Europea: aliás, já poderia cantar UNIVERSAL HALLELUIAH de paz e prosperidade, cuja Musica he cheia da mais PURA MORAL.

CAPITULO IX.

Reflexões sobre o Exposto.

RESpeitando, quanto he congruo, o Estabelecimento Politico d' America Septemtrional, reconhecido pelas Potencias da Christandade; mas execrando a Tentativa da *Confederação do Equador*, com que alguns cabalistas de Pernambuco, sectarios da Revolução de 1817, capitanaedos por hum ardiloso transfuga da Justiça nessa epocha *, que se acoitou nos Estados Unidos, recentemente se embandeirarão com traidor *Manifesto*, pertendendo quebrar a Integridade do Imperio do Brasil, á despeito da vontade Brasileira, tão fortemente declarada desde o Rio Negro até o da Prata; considero do meu dever o propor as seguintes reflexões contra os enthusiastas, que desejão se uniformem as Constituições de todos os Povos deste Continente á da Matriarcha da Independencia Colonial contra a Supremazia das Metropoles, sem calculo de prudencia, nem identidade de circunstancias. Esse desejo (ou delirio) he tão absurdo, como se pertendessem, que a superficie immensa do Territorio Americano tivesse a mesma physiognomia geologica, com o uniforme e deforme prospecto de unicamente se avistarem Varzeas, ou Cordilheiras. A Natureza se apraz da variedade, e brilha por contrastes. Porque a Politica não fará tambem o *Experimento* neste Hemispherio do *comparativo progresso* de prosperidade em differentes Estabelecimentos Constitucionaes, proporcionados aos seus habitos, costumes, e recursos?

Na Constituição do Imperio do Brasil se declarou que a *Unica Religião* mantida pelo Governo he a *Religião Catholica, Apostolica, e Romana;* com a *liberalidade* todavia de não excluir a dos Sectarios das *varias Communhões do Christianismo.*

O Congresso dos Estados Unidos nada mais em sua Constituição fez do que o continuar o *Direito Consuetudinario* da estabelecida *liberdade religiosa*; porque os originarios colonos, sendo de variadas seitas de Inglaterra, acocados de perseguições de escuros tempos, procurarão asylo nos desertos Transatlanticos; os quaes depois se cultivarão extensamente pela confluencia de povos de outros paizes, e differentes Estados cultos. Em quanto se está com o machado na mão a derribar matarias, e exercer as industrias ordinarias, he facil a concordia civil, ainda entre dissidentes e heterodoxos. Tambem a sua *transição* de forma de regimen, foi muito menos difficil, pela analogia com o do Estado-Pai; por ser, na maior parte, a sua população de gente livre, e porque teve auxilio de Potencias rivaes do Governo Britannico.

O Brasil porém sempre esteve em circunstancias diametralmente oppostas; e, depois da retirada da Corte á Portugal, se achou em situação singularissima, e *unica* no seu genero; ficando as Provincias convulsas, e divididas com discordias intestinas, e phantasias excentricas, com o vertiginoso abalo do notorio Movimento Maçonico de Escuro Oriente, que no seu especial Astrolabio só olhava a Constituição de *Whasingthon* como a Estrella Polar dos aventureiros argonautas no Oceano Politico.

Se nelle, por Divina Mercê, não prevalecesse a Constituição Imperial, nada menos se podia esperar, que o precipicio ao cháos da Anarchia, com os horrores que sobrevierão *á Ethiopia do Occidente.* *

Para desabuso de illusões mal faldadas, bastaria attender, que a sociedade civil foi testemunha assombrada do, mais que portentoso, *Prodigio*, com que, na horrida crise da Europa, o Governo dos Estados Unidos, ainda na infancia do Reconhecimento de sua Independencia, se conjurou contra a Gram Bretanha, Defensora das Liberdades do Mundo, contractando Alliança com o commum Inimigo do Genero Humano, o Dragão Corso, Liberticida, que tentou pôr o *pé firme* na America. A' este Phenomeno Moral ora alludio o actual Presidente do Congresso Representativo dos ditos Estados, o Sr. *Quincy Adams*, na *Falla* de 10 de Março do corrente anno de 1825, sobre o *estado da Nação*, onde fez a seguinte *Confissão Publica*: **

(*) Manoel de Carvalho.

(*) Ilha do Haity.

(**) Veja-se o Diario Fluminense de 10 de Maio do mesmo anno.

„ As guerras revolucionarias da Europa excitarão
„ huma collisão de sentimentos, e de sympathia, que
„ atearão as paixões, e azedarão o conflicto de Par-
„ tidos, até que a Nação se involveo em guerra, e a
„ UNIÃO FOI ABALADA ATE' O SEU CEN-
„ TRO.... Ainda resta hum esforço de magnanimida-
„ de, hum sacrificio de prejuizo e paixão, que devem
„ fazer os individuos, ou *Toda a Nação*, que seguio o
„ Estandarte do *Partido Politico*. &c.

Por ventura esta Parenetica de tantas flores rhetoricas, em que transluz a verdade pelo véo do decoro politico, dá a Garantia do Tempo, que assegure a Virtude e Sabedoria Nacional, e com ella a estabilidade da Organisação Representativa, que previna a reincidencia ao descripto estado precario e perigoso, e realize o exterminio de *espirito de partido*, que sempre infestou as Communidades Populares, e Estados Federativos?

Os Fastos Sociaes tem assaz mostrado o fado das Ligas Achaias, Amphityonicas, Hanseaticas, Batavas, Helveticas &c. Quando mais floreceo a, que se presumia de superlativamente liberal, Republica Atheniense, senão quando Homens Extraordinarios, como Pericles, Pisistrato, e Demetrio Phalarêo, concentrarão em si o Poder do Estado, com acquiescencia do povo, que, cansado com discordias civis, e arruinado com guerras estrangeiras, sempre em continuas hostilidades internecinas entre as Republicas circumvizinhas, se enthusiasmou ao excesso de (como refere *Plutarcho*) até de levantar á este Dictador trezentas e secenta Estatuas?

A Republica Militar de Roma destruio odienta a rival Republica commerciante de Carthago, que alias tinha a melhor Constituição, conforme o juizo do antigo Mestre da Sciencia Estadistica, que no seu Livro d'oiro da Politica diz ter examinado mais de duzentas Constituições de varios Estados. A final as guerras civis da mesma Roma occasionarão, ou necessitarão, o Estabelecimento do Imperio de Augusto. Todo o Corpo da Historia confirma a opinião de *Tacito*, que o *systema da igualdade* apenas dura em Estado de mediocridade de bens, e não depois que, com a accumulação de riquezas e conquistas, recresce progressivamente a desigualdade das condições, e a insaciavel cubiça de poder, que em fim fazem prevalecer a ambição e violencia dos Magnates do paiz, não se tratando dahi em diante mais do que do alcance do Principado. *

He reconhecido que os maiores avanços da Civilisação se tem feito nas Monarchias moderadas, e de boas leis, quando as Nações tem a fortuna de serem governadas por Legitimos, Sabios, e Pios Regedores, que o Ceo illumina, e que merecem o Titulo de *Pai da Patria*.

Onde se acha arraigado o cancro do cativeiro, só nas Monarchias, pela Authoridade Suprema, e Protectora de todas as clases, se podem mitigar os males da escravidão, e gradualmente preparar-se a geral Emancipação. Os melhores Imperadores de Roma concorrerão mais do que os Dictadores e Tribunos da antecedente Republica Aristocratica, a dar patrocinio aos servos contra as sevicias dos senhores, authorizando o seu refugio ás ESTATUAS DE CESAR. As leis Imperiaes: em tal caso, e não havendo calumnia na queixa, ordenarão a sua *alforria*, ou *venda com boas condições*. **

Adam Smith, novo Pai da gente civilisada, no seu

(*) Ainda que os antigos não tinhão a idéa ou prática das constituições modernas de plausivel *Governo representativo* e *mixto*, com tudo, como, apezar do pertendido progresso da intelligencia dos povos, ainda a natureza humana se não mudou, o mais seguro parece ser o juizo do citado Politico, não obstante as vicissitudes dos tempos, e especiosas phases na régencia de alguns Estados. Elle, prescindindo de theoricas, e fundado nas experiencias do mundo, fez as seguintes notas, que os prudentes não devem jamais perder de vista:

Postquam regum pertœsum, leges maluere. — Successerunt potius alii homines quam alii mores. — Delecta ex iis et consociata reipublicœ forma laudari facilius quàm evenire; et si eveniat, nee diuturna esse potest. — Vetus et jam priclem *insita mortalibus potentiœ cupido*, cum imperii magnitudine adolevit. *Nam rebus modicis*, *œqualitas facilè habebatur*: sed ubi, subacto orbe, et æmulis urbibus, regibus que excisis, securas opes concupiscere vacuum fuit, et, modo turbulenti tribuni, modo consules prœvalidi — victam armis libertatem in dominationem verterunt — et nunquam postea nifi de principatu quæsitum. — Tact. Hist. lib. II. cap. 38.

(**) Codice — De his qui ad Statuas confugiunt.

Liberal Systema economico bem nota, que o Soberano pode dar mais segura e efficaz protecção aos escravos opprimidos, do que os Estados de Republicas, onde os senhores considerão tyrannia o intrometterem-se os Magistrados com a que entendem ser — sua propriedade. *

CAPITULO. X.

Da Influencia da Religião Catholica na Civilisação de Povos Barbaros.

GIbbon, escriptor da *Historia da Decademia do Imperio Romano*, ainda que Apostata do Catholicismo, e Sectario do *Deismo*, não pôde todavia deixar de confessar a saudavel influencia, que a Religião Catholica (cujo centro era a Igreja de Roma) teve em civilisar os Barbaros do Norte da Italia, e até os salvages idolatras das mais frias regiões da Europa. Descrevendo os beneficios de sua conversão, assim diz:

„ O Christianismo, que abrio as portas do Ceo aos Barbaros, introduzio importante mudança de sua condição moral e politica. Elles receberão o uso das letras, tão essencial á huma Religião, cujas doutrinas se encerravão nos Livros sagrados; e, em quanto elles estudavão a verdade divina, os seus espiritos erão insensivelmente alargados pela distante vista da historia, da natureza, das artes, da sociedade. A versão da Escriptura na linguagem patria, que facilitou a sua conversão, tambem excitou no seu clero alguma curiosidade para ler o texto original, entender a liturgia da Igreja, e examinar nos escriptos dos Santos Padres a Tradição Apostolica. Estes bens espirituaes forão perservados nas linguagens Grega e Latina, que transmittirão os preciosos monumentos da antiga Literatura. A emulação do Genero Humano foi animada pela expectativa de estado mais perfeito, e a chama da sciencia foi secretamente avivada para dar calor e luz á madura idade do Mundo Occidental. No mais corrupto seculo do Christianismo os Barbaros aprenderão a justiça pela Lei Romana, e a misericordia pelo Evangelho; e se o conhecimento de seu dever era insufficiente para guiar as suas acções, ou reger as suas paixões, comtudo algumas vezes forão retidos pela consciencia, e frequentemente punidos pelo remorso. „

„ Porém a directa authoridade da Religião foi menos efficaz do que a *Santa Communhão*, que os unio com os seus irmãos christãos em espiritual amizade. A influencia destes sentimentos contribuio a assegurar a sua fidelidade ao serviço ou alliança dos Romanos, a alliviar os horrores da guerra, a moderar a insolencia das conquistas, e a preservar na queda do Imperio o permanente respeito ao nome e ás Instituições de Roma. „

„ Nos tempos do Paganismo os padres da Gallia e Germania reinavão sobre o povo, e restringião a jurisdicção dos Magistrados: os seus proselytos transferirão igual, ou mais ampla, medida de obediencia devota aos Pontifices da Fé Christãa... A recrescente authoridade dos Papas fortificou a União da Republica Christãa, e gradualmente produzio semelhança de maneiras, e commum jurisprudencia, que distinguirão do resto do Genero Humano as independentes, e ainda inimigas, Nações da moderna Europa. „

Contra este facto tão decisivo nada valem as ironicas e insidiosas reflexões deste Historiador sobre os enthusiasmos e abusos, que desluzirão a christãos heterodoxos, Synodos Ecclesiasticos, Institutos Monasticos, e o Conclave de Roma, que, no andar dos tempos, se elevou sobre as ruinas do capitolio. Na verdade, nem Christo, nem os discipulos que escolheo dos *fracos de espiritos para confundir os fortes do mundo*, jamais por palavra, escriptura, ou tradição apostolica, ensinarão ou ordenarão austeridades mortiferas, e as praticas antisociaes, fanaticas, e ambiciosas, que aquelle Escriptor com ignominioso escrutinio se desvelou em descobrir e manifestar na Historia Ecclesiastica.

(*) Wealth of Nation — Book IV. cap. VIII.

CAPITULO. XI.

Dos Pretextos dos Infieis para a incredulidade na Religião Revelada.

SEndo notoria a existencia de huma *Sociedade Secreta*, e extensa, que se inaugura por *Sociedade Philosophica* de *Filhos da Luz*, ramificada em hum e outro Hemisferio, já tendo *Congregações* no Brasil; e sendo ella mui suspeita de ser Anti christãa, quando mais não fosse, porque, affectando ter só em vista o Bem da Humanidade, sustenta, como fundamental lei, o obrigar com juramento aos seus membros, a nunca revelarem o segredo do seu real objecto, quando alias o Divino Mestre da Lei Evangelica deo aos discipulos o positivo preceito de ensinarem publicamente a sua doutrina *, a fim de que *todos os homens vejão as suas obras boas*, declarando que *quem odia a luz, ama as trevas, porque as suas obras são más*; convem expor e discutir os mais especiosos *pretextos*, com que os *infieis* e renegados do Christianismo e Catholicismo, tem procurado escusar a sua infidelidade, e apostazia.

Os implacaveis inmigos do altar e Throno não cessão de invectivas contra a Religião Catholica, com os pretextos de que: 1.° Legitima o Despotismo e Fanatismo, com a que dizem ser *doutrina servil* da *divina origem* da Authoridade, e da obediencia aos estabelecidos Poderes, sejão bons ou dyscolos: 2.° Occasionou escandalosa variedade e contrariedade de schismas e symbolos: 3.° Justifica a Intolerancia, Perseguição, e Guerra, por opiniões e crenças discordes da Igreja de Roma; havendo por isso os catholicos, e especialmente os Ecclesiasticos, commettido enormes excessos, passando de perseguidos á perseguidores, logo que tiverão protecção de Despotas, porfiando o clero secular e regular em adquirir excessivas riquezas por illusões dos povos, pregando alias renuncia ás pompas do Mundo: 4.° Sustenta o *Primado* dos Summos Pontifices, que aspirarão á Supremazia Universal, até desligando os povos do Juramen-

(*) S. Math. cap. V. vers. 16 — S. João cap. III. vers. 19.

to de fidelidade, á seus Monarchas, santificando usurpações de Reinos, estabelecendo Instituições de crueza, como as *Cruzadas*, e *Ordens Militares*, contra os infieis, e o Tribunal do (mal dito) *Santo Officio*; o que só foi proprio para desmoralisar as Nações, e deshumanar, a Humanidade: 5.° O *Deismo*, que he a Religião da Natureza, nada tendo de *sobrenatural*, he dictado pela razão culta dos Illuminados do seculo.

CAPITULO XII.

Repulsa des Invectivas contra a Religião Catholica.

Quanto ao 1.° Pretexto.

QUem em boa fé contestará a origem divina da Primeira Authoridade, qual a do Pai sobre seus filhos e a familia? Como se pode negar o influxo da Providencia no Governo civil, que, ainda sendo imperfeito, sempre assegura grandes bens á Humanidade, e muito mais se desempenha o caracter de Governo Paternal? A Doutrina Apostolica recommendou a subordinação necessaria á Ordem Publica; nem authorisou a anarchia, nem a tyrannia; antes, pelo, contrario, declarou a tremenda responsabilidade perante o Juiz Eterno de todo o abuso, tanto de Liberdade, como de Authoridade.

Cousa admiravel! Tendo havido tantas conspirações e revoluções no Imperio Romano, hum só Christão não foi o auctor, ou complice, desses attentados. Nero foi o primeiro calumniador dos Christãos de Roma; e, não lhe achando crime de estado, lembrou-se de levantar-lhes o aleive de os arguir do incendio da capital, de que só elle fora o ordenador para dar-se o espectaculo do abrazamento de Troia, e ter a vaidade da reedificação da intitulada *Cidade Eterna*. Mas *Tacito* refere, que o povo romano reconheceo a calumnia, e se compadeceo da *grande multidão* de christãos innocentes, que forão mortos com os mais crueis supplicios. *

Plinio, celebrado Panegyrista do Imperador Traja-

(*) Tacitus — Annal. Lib. XV. cap. 44.

no, fazendo a mais exacta Inquirição dos Ajuntamentos dos Christãos da Provincia da Bytinia, de que era Pro-consul, para executar os crueis Edictos dos Imperadores, chegando ao extremo de até expor á tormentos a duas mulheres christãas, na impia esperança de que trahissem a causa de Deos, por fim certificou-se, de que não tinhão outra culpa mais do que a de não seguirem a religião do Imperio; e que unicamente se congregavão antes de amanhecer o dia, e no seu conventiculo fazião hymnos á Christo, e se obrigavão com juramento a não commetterem *maldade alguma*; e findo este acto, hião comer em *meza commum, mas innocente.* **

Seja qual for a forma do Governo, assentida, ou assentada, he intoleravel, e deve ser proscripta, em todo o paiz, que quer ordem, consideração, industria, e riqueza, as *Maximas* democraticas dos Regeneradores do seculo. Os Anarchistas ainda não estão escarmentados dos nefandos horrores, que resultarão da Revolução Franceza, especialmente depois que o Monstro *Robespierre* propoz, e com o seu *reino de terror* fez approvar, no Pandemonio de Paris a Constituição de 1793, em que se consagrou o Diabolico Artigo de que, em abuso de poder, *a Insurreição he o mais santo dos deveres.*

Quanto ao 2.° Pretexto.

Variedade de seitas tem havido não menos em todas as Religiões, que na Philosophia e Politica, pela natural tendencia dos homens á desunião, divergencia, discordia em opiniões especulativas; até sendo impossivel unanimidade, quando he livre dar carreira á imaginação. O Apostolo das Gentes bem preveniо aos primitivos christãos contra o malino *espirito de dissidencia e contenda*, aconselhando evitarem as *profanas novidades* contra o Padrão do Evangelho.

Quanto ao 3.° Pretexto.

He calumnia attribuir ao Catholicismo espirito de in-

(**) Plinius Lib. X. Epist. 97.

tolerancia e perseguição. Ao contrario, o nosso Mestre da Lei Evangelica bem declarou o indulgente espirito da Revelação, dizendo, que a sua Missão Divina fôra destinada para salvar, e não para perder, aos homens. Elle deo aos discipulos a expressa *Lição Moral*: — Aprendei de mim, que sou manso, e humilde de coração. — Ninguem póde vir á mim, sem que o Pai celeste o attraia. —

Tito Livio na sua Historia Romana refere a Lei intolerante da Republica, que prohibia cultos diversos do *Costume Patrio*, e mandava queimar os livros contrarios. * *Gibbon*, Historiador da *Decademia do Imperio Romano* refere, que o Imperador Marco Aurelio (que alias tanto foi louvado pela sua sabedoria e virtude) *desprezou os christãos* como *philosopho*, e os *castigou como Soberano.* — Eis a rectidão Estoica, e a clemencia Gentilica!

Além de que a maior parte das perseguições e cruezas, que a Humanidade lamenta na Historia Ecclesiastica e civil, forão obras da *malicia* e *ignorancia*, dos povos, e de falsa *Razão de Estado* dos Poderosos do Mundo, e de seus pessimos conselheiros. A arrogancia dos homens, que não reconhecem o *seu nada*, e que a sua *sufficiencia só vem de Deos*, lhes fez imaginar, que tinhão o privilegio da infallibilidade e omnisciencia, e até da omnipotencia de forçar entendimentos, e ajustar idéas de espiritos differentes, quando alias nem o mais habil artista pode uniformar relogios.

Até *Mahomet*, não negando ter sido Christo Propheta, para se constituir o Fundador de Nova Religião, bem reconhecendo, que o espirito da doutrina christãa era doçura, caridade, misericordia, a fim de fa-

(*) Quoties hoc patrum avorum que ætate negotium est magistratibus datum, ut sacra. externa fieri vetarent? Vaticinos libros comburerent? Omnem di[illegible]inam sacrificandi, præterquam more Romano, abolerent[illegible] Judicabant enim prudentissimi viri omnes divini [illegible] que juris, nihil æque dissolvendæ religionis esse, [illegible]i non patrio, sed externo, ritu sacrificarentur — T[illegible] Lib. I. XXXIX. c. XVI.

zer o contraste, e formar partido com os seus Arabes violentos, declarou, que a sua Missão do Ceo era pela *Espada*. Só por isso, (bem diz o escriptor do *Espirito das Leis*), se deve abraçar a Religião Christãa, e execrar a Mahometana.

Nada pois concluem os cavillosos arengueiros, em quanto não mostrarem, (o que lhes he impossivel á face da *Synopse dos Deveres Christãos*, ensinados por S. Pedro e S. Paulo, constantes do cap VII.) que a Lei da Graça authorisa as enormidades de que ha justa censura.

Quanto ao 4.º Pretexto.

O *Poder das Chaves*, que Christo deo á S. Pedro, e á seus successores, não conferio o dom da *infallibilidade*, e *impeccalibidade*.

Todavia o Titulo de *Santidade*, que, no decurso dos tempos se deo aos Summos Pontifices da Igreja Catholica, se mostra merecido por quasi todos os Prelados que se elevarão canonicamente á Cadeira do Principe dos Apostolos.

Na verdade, parece que a Providencia tem dado especial protecção a Sé Apostolica; visto que, sobrevindo, ha mais de desoito seculos, tantas ruinas de Imperios, Reinos, e Estados, até perdendo-se a geneologia, memoria, e o nome de varios soberanos, todavia ha certeza da serie não interrompida de todos os Papas, sempre, depois de muitos contratempos, e combates, mostrando se firme e immovel a Pedra Angular da Igreja Catholica.

Aos Summos Pontifices, que sempre forão zelozos em expedirem Missionarios aos paizes barbaros, se deve o progresso da Christandade. Em todas as Partes da Terra a sua Instituição da *Propaganda* tem feito incommensuraveis serviços á causa da Humanidade e Religião.

O Pontificado tem, por assim dizer, sido o *Conservatorio* das Sciencias e Artes. mais illustres, e uteis á sociedade. Depois da ruina do Imperio Romano e Grego, e invasão dos Barbaros na Europa, o Restabelecimento das Letras he Beneficio da Santa Sé, e á esse respeito sempre serão de Perpetua Memoria os Papas Nicoláo V. e Leão X. que accolherão os Litteratos refugiados, expulsos de Constantinopla. Especialmente este

Chefe da Igreja catholica, não obstante as arguições dos heterodoxos sobre as suas Bullas da Indulgencia, he digno da cordial estima de todo o philanthropo, pelo seu Grande Estabelecimento Literario de huma Universidade em Roma de mais de cem cadeiras de differentes ramos de Literatura, com que se deo tamanho impulso ao ascenso do espirito humano. *

Não ha duvida que alguns Papas se prevalecerão de sua superioridade mental para Conveniencias do Mundo, e ingerencias em contendas dos Reis entre si, e com seus povos. Porém quasi sempre ostentarão paternal solicitude para Concordia do Sacerdocio e Imperio, de que são Monumentos as *Concordatas* com as Testas Coroadas E quem póde dizer até onde hiria o Despotismo de Potentados não instruidos, se não achassem encontro, e saudavel influxo, no Poder Espiritual?

Quanto as Bullas das Cruzadas, e Ordens de Cavalleiros Militares, com que animarão aos Principes da Christandade a resistir ao espirito de Conquista dos Mahometanos, implacaveis inimigos da Cruz do Redemptor, he innegavel, que nisso occasionarão bens incalculaveis, virtualmente executando o Plano da Providencia.

Do Contrario, o *Crescente Ottomano* com o seu Alcorão e Alfange se teria extendido á todos os *Reinos Europeos*, *exterminando* o catholicismo, como o praticou, com lagrimas da Humanidade, por todo o Maritimo d'Asia e Africa adjacente ao Meditarreneo, onde antes houverão tantos Estados Christãos, e Luminares da Igreja. A conquista da Hespanha pelos Sarracenos devia causar terror, e induzir aos Fieis a reunirem corações e braços para se opporem aos Sectarios do *Islamismo*, que, reputando-se os verdadeiros crentes, projectarão extirpar o Culto Christão.

Além de que habeis Politicos tem notado, que o enthusiasmo dos *Cruzados*, muito concorreo para a Liberdade civil, e progresso do Commercio; pois que muitos dos grandes senhores, que abarcavão as terras

(*) Leão-se as curiosas particularidades na obra Ingleza de *Roscoe* — Vida de Leão X., onde, sendo alias Protestante, faz justiça á este Grande Homem.

des, vendião os seus patrimonios para hirem á Terra Santa; donde resultou multiplicar-se a classe dos proprietarios, haver menor desigualdade de condições, e com os transportes maritimos extender-se a Navegação. Quando depois o Imperador Carlos V. se mostrou aspirante á Monarchia Universal, e accendeo os archotes de guerras de Religião, a sabedoria da Sé Apostolica muito contribuio á *Balança do Poder*. Por isso depois o Epico da *Henriada* com razão disse que — *no fundo de Vaticano reinava* a Politica —.

Hum Ecclesiastico Irlandez Catholico fez neste seculo vigorosa refutação das invectivas dos Protestantes Inglezes contra a Santa Sé, que alias reconhecem ter sido a Mãy de que o seu Rei Henrique VIII. tão impudentemente se rebellou, porque o Summo Pontifice não condescendeo com o seu impio desejo de Dispensa da indissolubilidade do matrimonio de sua legitima Espoza, para se cazar com Anna Boléna. Assim diz:

„ Arguir do abuso do poder para negar o mesmo poder, he copiar o exemplo dos Revolucionarios da França. Elles prepararão a destroição de sua Monarchia pela multidão de escriptos em que se fazião catalogos dos crimes dos Reis, sem reflectirem (o que alias era evidente á todo o espirito pensador,) que, ainda quando taes crimes fossem mais numerosos e atrozes, do que são figurados, com tudo sempre erão infinitamente contrabalançados pela simples vantagem de servirem esses Soberanos de *Pedras Angulares* de todo o Edificio dos Estados de que erão Cabeças; prevenindo-se assim os indiziveis males de interminaveis divisões e mudanças. „

„ O beneficio da Supremazia Pontificia neste ponto de vista, isto he, para prevenir schismas, servir de *Centro de União*, e de *Faról da Orthodoxia*, tem sido reconhecido, não só pelos Padres da Igreja, mas tambem pelos modernos Protestantes. „

„ Mas este beneficio não he o unico que a Sociedade deve aos Summos Pontifices. Elles, além de sua ansiosa vigilancia na propagação do Evangelho, tambem com vigor e bom successo protegerão a Christandade, em varios periodos contra a furia e oppressão dos Sarracenos, Tartaros, Turcos, e outros Gentios, á cuja dominação seria sujeita sem a sua protecção. A necessidade das Cruzadas se manifestou pelas consequencias da victoria da Batalha Naval de *Lepanto*, que destruio a Potencia Maritima dos Mussulmanos na Europa. „

„ Os Papas organisarão os Estados Christãos em huma *Grande Communidade*, e por muitos seculos preservarão as Liberdades da Europa, perservando o Equilibrio das Potencias. Se forão accusados de excitar algumas guerras, certamente prevenirão, ou fizerão cessar, muitas outras maiores. Pela suas Instituições da *Tregoa de Deos*, *Redempção de cativos*, e outras Pias Fundações, muito diminuirão as hostilidades no tempo do Governo Feudal dos violentos Barões, e extensamente servirão á Causa da Humanidade. „

Quanto ao 5.º Pretexto.

A Religião Revelada contém *mysterios*: E a Religião Natural, tambem não contém *mysterios*? Toda a visivel Natureza está cheia de mysterios. Cada bichinho da terra, cada musgo das agoas, he hum aggregado de mysterios. O mais presumido philosopho he tão ignorante, como o mais rude idiota, sobre os mysterios dos orgãos da vista, falla, canto, digestão, concepção, transubstanciação da comida e bebida em sangue, e mais fluidos do corpo humano, e de qualquer animal. Quasi toda a Historia Natural he mysteriosa. E que mais assombroso mysterio he o existirem neste Globo innumeraveis cousas, de cujo conhecimento o homem he capaz, e com tudo as ignorarmos por tantos seculos, apenas actualmente adquirindo tenues e imperfeitas noções das mesmas? Que mysterios physicos encerra o seio da Terra, de que mal conhecemos vislumbres da superficie, e o conteúdo á pouca distancia a baixo della? Que mysterios dos mysterios são occultos aos Astronomas (ainda aos Newtons e La Places), que, tendo capacidade para entenderem a *theoria das fluxões*, e as Leis do Systema Planetario, e até as que regulão as excentricas orbitas de mais de trezentos cometas que tem apparecido, ou sido observados, com tudo, não obstante o auxilio do telescopio de *Herschel*, ignorão absolutamente, ou não sabem discernir, a infinidade de estrellas da *Via Lactea*, e a immensidade dos céos dos ceos, cheios de

obras maravilhosas do Creador, e que evidentemente só são destiuadas á comprehensão de *Superiores Intelligencias*? Em fim conhecemos por ventura o como co-existem em nossos espiritos tantas distinctas faculdades, e a indizivel aggregação de idéas? Os Deistas não crêem no *peccado original*! E como explicão o ter o homem o sentimento da compaixão das dores e miserias de seus semelhante, e o amor da virtude, e todavia haver tanta gente deshumana, que se apras da tortura alheia, e tem delicia na malicia com que intriga, diffama, assassina, guerrêa?

Hum dos Escriptores *, que mais habilmente tem refutado os sophismas de *Gibbon* e *Paine*, faz as seguintes ponderações:

„ Ainda as Mathematicas, á que se dá o titulo de *Sciencia de Demonstração*, se fundão em principios e theoremas incomprehensiveis; taes como ponto sem partes, linha sem latitude, superficie sem profundidade; approximação continua de linhas que nunca se encontrão. Aquella sciencia contém a theoria dos *incommensuraveis*, e dos *infinitos*, cada hum dos quaes he infinitamente maior, ou infinitamente menor, do que o outro. „

„ Na Physica não podemos comprehender a primaria causa de cousa alguma, e nem ainda da luz, pela qual vemos, nem do fogo, pelo qual nos acalentamos, nem da elasticidade do ar, pela qual ouvimos. „

„ Na Physiologia não podemos dizer o que primeiro deo movimento ao coração, nem o que o continúa; nem porque o seu movimento he menos voluntario que o do bofe; nem porque podemos mover o nosso braço á direita, e á esquerda, pelo simples acto da vontade; não podemos explanar a causa do calor animal; nem comprehender o elemento pelo qual o nosso corpo se formou, e porque principio vital se sustenta a sua organisação, e como se reduz á terra. „

„ Na Religião Natural não podemos comprehender a eternidade e a omnipresença de Deos; nem facilmente entendemos como a sua providencia seja compativel com a nossa liberdade, nem a sua immutabilidade

---

(*) *Watson* — *Apologias da Biblia* — Septima Edição de Loudres pag, 134 e 400,

com o seu governo dos agentes moraes; nem porque não fez as suas creaturas igualmente perfeitas; nem porque as creou mais cedo: em huma palavra: não podemos olhar para qualquer ramo de conhecimento, em que não encontremos objectos sobre a nossa comprehensão. A queda e a redempção do Genero Humano não são mais incomprehensiveis, do que a creação e conservação do Universo. O infinito Author das obras da Providencia, e da Natureza, he igualmente inscrutavel, e incomprehensivel á capacidade humana. „

„ A impia febre de espirito, e paralysia de entendimento, que originou na França, espalhou o seu contagio na Christandade, sendo o virus industriosamente introduzido por malinos: he dever de todos que se interessão pelo bem da Humanidade o esforçar-se em todas as partes por obstar ao seu progresso. Estejamos certos, de que, logo que a Religião deixar de ter imperio nas consciencias dos homens, tambem o Governo perderá a sua authoridade, e dahi resultará hum estado de anarchia barbara, que porá em perigo até a existencia da Sociedade civil: sem ella, as restricções e penas humanas são incapazes de enfrear as egoisticas, e licenciosas paixões do Genero Humano. Quem remove do espirito do povo as esperanças e os terrores do futuro estado, abre os diques da immoralidade, e occasiona diluvio de vicios e crimes, igualmente destructivos da dignidade da naturesa do homem, e da tranquillidade do mundo. „

„ Não tem havido, nem pode haver Estado, sem Religião. Se o Christianismo for abolido, em seu lugar se introduzirá o paganismo, ou o mahometismo, ou outra impostura, ou a sociedade civil será dissolvida. „

„ *Bacon* (philosopho com quem os nossos modernos philosophos não se podem comparar) notou, que em nenhum seculo se tem descoberto philosophia, opinião, religião, lei, disciplina, que tão grandemente exalte o *Bem commum*, e diminua o *interesse particular*, como a Religião Christãa. Por isso he de admirar, e deplorar, a malicia dos homens, e a fraqueza dos Estadistas, que fazem a tentativa de governar o Genero Humano sem religião positiva, e estabelecer *Sociedade Philosophica sobre as ruinas do Christianismo*. „

„ A religião Christãa não se intromette em organi-

zar CONSTITUIÇÕES POLITICAS: ella dirige toda a sua influencia aos corações; e (como o antigo Padre da Igreja, *Origenes*, disse contra Celso, sophista calumniador do Christianismo) se cada individuo de todas as Nações guardasse a pureza dos preceitos do Evangelho, não haveria injustiça interna, nem guerra estrangeira, e cessarião as paixões que produzem tanta acrimonia no commercio da vida, e assolão a Terra. Que arguições pois fundadas se podem fazer áquella Religião, que, se fosse universalmente observada, introduziria universal harmonia, e a mais exaltada felicidade do Genero Humano? „

CAPITULO XIII.

Doutrina do Santo Padre Clemente XIV. condemnando a Intolerancia e Perseguição por Dissidencia de Seitas.

A Causa da Religião Catholica, Apostolica, Romana, foi victoriosamente advogada pelo Summo Pontifice Clemente XIV, cujo *Nome*, se pode, em pia crença, considerar escripto no *Livro da Vida*, como S. Paulo * diz de S. Clemente I., o immediato Successor dos Principes dos Apostolos. Esta, a mais Alta Authoridade da Igreja de Deos, fez o Manifesto do verdadeiro Espirito do Christianismo, mostrando a iniquidade dos Detractores, que o tem arguido de *espirito de Intolerancia* e *Perseguição*. Aqui offereço alguns *Extractos* dos *Discursos* daquelle Cabeça da Christandade, que vem no principio do *Apendice* das suas obras, tão acreditadas na Republica das Letras, e que tem o titulo de *Cartas de Ganganelli*, Tradução Portugueza impressa em Lisboa em 1783.

“ Quem julga de hum painel pelas suas sombras, mostra que o não quer conhecer bem. A Religião he como o Firmamento; quanto mais se examina, tantas mais estrellas nelle se descobrem; como o mar, que, quanto mais se observa, tanto parece mais immenso; como o ouro, que, quantas mais vezes vai ao fogo, tanto mais brilhante vai ficando.

(*) Epist. aos Philippenses cap. IV. vers. 3.

Ah! Como seria ella apaixonada, se ella *proscreve todas as paixões?* Como usaria de mentiras, se ella condemna até os mais leves equivocos? Como seria, finalmente, perseguidora, se o seu caracter distinctivo he o ser sempre perseguida? JESU CHRISTO, quando a estabeleceo, não lhe annunciou mais que cruzes, contradicções, e revezes. Não lhe disse: Declarareis guerra aos peccadores, aos herejes, aos impios; porém disse-lhe na pessoa dos seus Apostolos: *Eu vos mando como cordeiros pelo meio dos lobos: quando vos não quizerem ouvir, passai para outra Cidade, sacudindo o pó dos vossos çapatos.*

Eis-aqui como a Religião se annunciou no mundo; e eisaqui como ella se ha de sempre annunciar por aquelles seus Ministros, que a conhecerem bem, e que a quizerem fazer amar.

Abrí os seus livros, entrai nos seus Templos, escutai as suas instrucções, e vereis que a sua linguagem he a mesma da caridade; e que não tem outra authoridade mais que a persuasão. Não foi em tempo algum a Religião, mas sim o falso zelo, que, pretendendo imitalla, tomou na mão o ferro, e o fogo, para forçar herejes a abjurarem os seus erros, ou Judeos a fazerem-se Christãos.

A Religião lança anathema contra todos aquelles que tem hum espirito de perseguição, e de partido. Inimiga das cabalas, da violencia, das delações, ama somente a paz; e se acaso troveja contra os erros, perdoa com tudo áquelles, que os defendem, * e solicita o seu perdão para com os Principes, e para com Deos. O seu zelo consiste em nunca jamais capitular com o erro; quer antes soffrer tudo, do que tirar hum só *jota* da sua crença; porque não ensina como artigo de fé, se não aquillo que Deos tem revelado; e então se vêem sahir do seu luminoso e fecundo seio multidões de Martyres, que se precipitão á través do ferro, e do fogo, antes do que consentir em que se altere o testamento de JESUS CHRISTO.

(*) S. Agostinho, que conheceo bem claramente o espirito da Religião, tambem recommenda o mesmo: *Diligite homines, interficite errores.*

Os archivos da Religião, meus Irmãos, subsistem entre nós: e se nelles achardes outros vestigios de sangue, mais do que aquelle que seus discipulos derramarão para defensa das verdades santas, sem razão vos estaria eu aqui exaltando a sua doçura, e a sua caridade. Porém vós não haveis de ver da sua parte mais que effusões de caridade, actos solemnissimos da beneficencia mais assignalada, e exemplos de paciencia, doçura, e longanimidade.

Se ha falsos devotos, que a desfigurão, vós sois por isso mesmo mais culpaveis em vos fiar nos retratos que vos fazem della, quando o Supremo Legislador vos tem premunido contra aquelles homens, que querem impor aos outros pezos que elles não quererião tocar com a ponta do dedo; contra aquelles homens que temem engulir hum moquisto, e que engolem hum camelo; contra aquelles homens, que se apresentão cubertos com pelle de ovelhas, sendo interiormente lobos vorazes, e arrebatadores; contra aquelles homens, que affectão extenuar os seus semblantes, para mostrar que jejuão; contra aquelles homens, que se crêem mais perfeitos que os outros, e que imaginão ser preciso pronunciar muitas palavras para serem ouvidos.

Longe da Religião o hypocrita, o fanatico, o supersticioso; pois ella, tão sincera, doce, e paciente, como o seu divino Chefe, não conhece outras armas mais que a persuasão; trazendo continuamente estampadas na memoria estas palavras do seu divino Mestre: *Não haveis de ser como os Principes das Nações.*

Se alguma vez, meus Irmãos, tendes dado credito ás calumnias, com que se tem denegrido esta divina Religião; se tendes tido nellas alguma parte, reconhecei hoje os vossos desvarios á face dos seus Altares, e ide abraçallos, como signal da nova aliança, que com ella quereis firmar para todo sempre. Pensai, que esta Religião he quem vos fez Christãos, e que he tambem ella quem deve introduzir-vos no Ceo, se fordes fieis em cumprir as suas obrigações. Pensai, que ella se hade no ultimo dia levantar contra vós, como huma testemunha, que vos ha de opprimir, se não tiverdes sido fieis em praticar os seus preceitos. Então será aquella Rainha de que falla a Escriptura, assentada á direita de Deos

em todo o seu esplendor: *Regina à dextris tuis, in vestitu deaurato, circumdata varietate.*

No seu seio he que devemos repousar cá na terra, para não ter nada que temer no ultimo dia. Ah! Que póde temer, quem marcha debaixo dos seus estandartes? Os Martyres, que seguirão os seus vestigios, se crerão invulneraveis no meio dos maiores tormentos; tanto minorava as suas dores o ardor da sua caridade! Com a Religião, tudo quanto se faz he sublime; e, sem ella, as acções mais brilhantes não podem ter algum merecimento.

Se a antiga Lei ferio muitas vezes de morte os prevaricadores, he porque era huma Lei de terror, dada entre relampagos, e trovões, feita para intimidar; e porque o Povo Judaico tinha necessidade de ser excitado por castigos extraordinarios. Porém a nova Lei, abrolhando no Calvario pelo Sangue do Homem Deos, que roga pelos seus mesmos algozes, e que morre pelos seus inimigos, ensina a todos os homens, que o Christianismo he verdadeiramente a obra da paz, da doçura, da caridade; que se não pode pertencer á JESUS CHRISTO, se acaso nos anima hum espirito de odio, e de perseguição; que para ser zeloso, segundo as regras do Evangelho, não se devem pôr ao mesmo nivel a verdade e o erro; mas que he necessario reduzir com o exemplo, e com a instrução, aquelles que combattem a moral, e os dogmas.

Tudo prova, que hum falso zelo he muitas vezes mais perigoso, que a mesma incredulidade. Não se póde esperar humanidade alguma da parte de hum fanatico, que julga fazer huma obra agradavel á Deos, quando vos sacrifica á sua raiva! *Putat se obsequium præstare Deo.*

S. Paulo, antes da sua conversão, respirava contra os Christãos o sangue, e a carnagem, porque era impellido por hum zelo falso. Tinha consentido na morte de Estevão, e tinha-se feito o mais ardente perseguidor da Igreja nascente, por causa do fanatismo, que o animava.

Se todos os Ministros do Evangelho tivessem tido cuidado de tomar a JESUS CHRISTO por seu modelo; se tivessem bem considerado, que este divino Salvador

recebia com bondade os peccadores, e soffria com paciencia os Samaritanos, e os Saduceos, não se teria visto excesso algum no seio da Igreja, e os inimigos da Religião Catholica não terião jamais achado caminho para lhe formarem a injusta accusação de ser perseguidora.

Todo o mal procede das disputas, de que o orgulho he quasi sempre a origem, e o principio. Sob pretexto de defender os interesses de Deos, e da Igreja, contempla-se cada hum a si proprio, e toma-se por verdadeiro zelo a effervescencia de hum sangue, que ferve, ou de huma imaginação, que se exalta.

Os prejuizos são outra causa do fanatismo. Se não fazemos caso delles, arraigão-se de tal modo em nós mesmos, que passão a ser natureza; e se, por desgraça, nos persuadirão, que huma simples opinião da Escola he hum artigo de fé, somos capazes de sacrificar á nossa vida para a sustentar. Eisaqui o que nós vimos nos seculos da ignorancia, em que huns aos outros se anathematizavão, ou se degollavão, para defender sentimentos particulares, que não erão os da Igreja Universal.

O espirito de intolerancia, e perseguição, nasce muitas vezes de huma perfeita ignorancia; deixamo-nos conduzir por cégos, e cahimos com elles. Este defeito não tem desculpa nos Ministros de hum Deos, que recommenda áquelles, que hão de ser os conductores do seu povo, que sejão a luz do mundo. Deve haver muita differença entre a ignorancia e a simplicidade. A ignorancia arrasta após si huma multidão de males; principalmente quando se não dá ouvidos mais que á si mesmo: como se ignora tudo, faz-se o mal, sem saber que se faz.

Qualquer que seja a origem do falso zelo, sempre elle he feio aos olhos de Deos; ainda que hajão differentes gráos, que augmentão, ou que diminuem a sua enormidade. Não se teria conhecido este falso zelo, se se tivesse sabido distinguir a tolerancia, que supporta as pessoas, daquella que tolera os erros. Nunca he permittido á hum Christão, qualquer que elle seja, pôr a verdade ao nivel do erro, e confundir o heretico, o incredulo, e o pagão, com os fieis, que estão marcados com o signal da Fé; porém o procedimento de JESUS CHRISTO nos obriga a sopportar os homens, de qual-

quer communhão que sejão, a viver com elles em socego, e a não vexallos, qualquer que seja a crença que hajão adoptado.

O verdadeiro zelo não tem outro caminho para se annunciar, mais do que a doçura, e a persuasão. Todas as vezes que se tomar hum ar sevéro para com os incredulos, mais de pressa se irritão, do que se convencem. O Salvador do mundo, nosso modelo, e chefe, quer que hum verdadeiro Pastor vá em busca da ovelha desgarrada, que a traga sobre as suas costas, e que não lhe venha ao pensamento querer apagar o pavio, que inda fumega, ou quebrar a canna já rachada. Bem sabida he a reposta, que deu este Homem Deos aos Apostolos, quando, pouco instruidos, querião fazer descer fogo do Ceo sobre Samaria; *Vos não sabeis de que espirito sois*, lhes disse elle; *eu não vim para perder os peccadores, mas para salvallos.*

Nós vemos encherem-se de ira, e tomarem hum semblante, e hum tom exterminante, as pessoas a quem anima hum falso zelo, quando vem hum homem, que tem a infelicidade de não caminhar pelo verdadeiro caminho, ou quando delle ouvem fallar; o verdadeiro zelo, que he segundo a sciencia de Deos, não se inflamma, se não com a caridade, não se mostra senão debaixo dos exteriores da doçura, e não se exprime senão com bondade.

Quando S. João Evangelista, o mais doce de todos os homens, nos recommenda, que nem ao menos saudemos hum inimigo de JESUS CHRISTO, quer por estas palavras fazer-nos sómente entender, que devemos absolutamente renunciar á sociedade de todo o homem, que conhe[illegible] os perverter.

Em vez de se tomar exemplo da mesma Roma, Metropoli do mundo Christão, que permitte aos Judeos o exercicio publico da sua Religião, em vez de se tomar por modelo os Summos Pontifices, que recebem os Protestantes com as maiores demonstrações de amizade, nunca se falla nos incredulos senão para os carregar de imprecações. Este não era o modo de obrar dos Padres da Igreja, que não pregavão nos seus escriptos mais que a concordia, e a caridade; que se fazião media-

dores dos culpados, para obterem o seu perdão da parte dos Juizes, e dos Imperadores.

O Senhor mesmo, orando pelos seus algozes, nos ensina, como se deve vingar a sua causa. Não haverião tantos clamores contra a Igreja Catholica, e tanto rancor entre as differentes Communhões, se o Espirito Evangelico tivesse sido o norte dos corações, e dos espiritos.

He cousa incontestavel, que cada hum deve fazer, quanto está da sua parte, para contribuir á salvação de seus irmãos, ou seja instruindo-os, ou edificando-os; porém não he a violencia, nem a authoridade, quem os dève constranger.

A fé, do mesmo modo que a obra, não he agradavel á Deos, senão em quanto he voluntaria. Se acaso se obrigar hum homem a fazer penitencia, *do mesmo modo que a orar a Deos*, e a adoptár finalmente huma Religião que elle rejeita, far-se-ha quem tal obrar, culpavel aos olhos do Senhor, porque nunca he permittido vexar as consciencias: *Não haveis de ser*, disse JESUS CHISTO aos seus Apostolos, *como aquelles que dominão sobre as Nações*. Quer que aquelles que o escutarem, o escutem de boa vontade; e nunca foi visto, durante os dias da sua vida mortal, obrigar pessoa alguma á que o viesse ouvir. Deixou até ir-se embora aquelle mancebo, que parecia ter desejos de o seguir; porque a Religião não he senão para aquelles, que são de *boa vontade*: — *Hominibus bonæ voluntatis*.

Não se formarião mais que prevaricadores, e hypocritas, se se alistassem á força no seio da Igreja todos aquelles que não querem [illegible]trar nella. Estas palavras: *Compelle* [illegible] entrar) são tiradas de huma parabola, e nunca significarão, que se devessem obrigar os homens a ser Catholicos, ou Christãos à seu pezar; querem sómente dizer, que se deve com a pregação fazer-lhes as mais vivas instancias para que entrem no caminho da salvação; representando-lhes principalmente que disso depende a sua felicidade, ou infelicidade eterna.

Mas o espirito de partido he tanto mais perigoso, porque, tomando todas as formas, e até mesmo o exterior da piedade, exercita assim a sua tyrannia. Aquelles,

a quem elle possue, não procurão realmente mais que dominar. O que os anima, quando encontrão resistencia, não he o interesse da Religião, que pouco os toca; mas he o seu orgulho, que se vê ferido. Ora isto he hum principio falso: he só espirito de partido, quem faz que humens illuminados se queirão vender por inspirados, e que fanaticos se annunciem por martyres. Assim forão os Chefes das Seitas; assim forão n'outro tempo, e no seio mesmo da Igreja, pessoas animadas por hum falso zelo, a respeito de cousas que nada interessavão a fé. A Historia Ecclesiastica nos offerece disto muitos exemplos, o que nos deve fazer tremer: porque, que cousa ha mais terrivel, que ver homens excellentes virem a ser victimas de hum zelo, que não he agradavel á Deos, e que a Igreja condemna como hum excesso, tão pernicioso á Religião, como á Sociedade?

Não ha cousa mais admiravel que o verdadeiro zelo. Se algumas vezes rompe, como o de JESUS CHRISTO, contra os profanadores do Templo, he porque o homem que vem insultar a Deos, até ao pé dos Altares, merece ser reprimido; e não se deve confundir o amor da verdade com o espirito de partido. Foi este amor quem animou os Apostolos, os Martyres, os Padres da Igreja, e todos aquelles, que combaterão com vehemencia os erros, sem com tudo perseguirem aquelles, que erão delles os authores.

Hum Monarcha, verdadeiramente Christão, deve, sem duvida, pôr nos seus Estados barreiras á torrente da impiedade; mas não deve, para sustentar a honra de huma *Religião, que he* [illegible] *da caridade*, punir de morte todos aquelles que tiverão [illegible] combater, senão quando elles excitão motins, e sedições, e quando alterão o Culto Divino. Porque, que cousa he a Religião Christã, senão a effusão do amor Divino, daquelle amor, que perdoa 'na Cruz áquelles mesmos que o blasfemão; daquelle amor, que ama ternamente a todos os homens; daquelle amor, que excita a hospitalidade para com o Turco, do mesmo modo que para com o Indio; daquelle amor finalmente, que, fazendo-se tudo para todos, nunca jamais pedio a morte do peccador, mas a sua conversão?

Que felizes mudanças se não terião visto acontecer-se, se, em lugar de vexar os herejes, os tivessemos conjurado com toda a ternura possivel, que se não separas, sem do Centro de Unidade! Se se tivessem aclarado as suas duvidas com bondade, escutado com paciencia as suas objecções, e se lhes tivessem finalmente fallado como a mesma Religião, que não faz accepção de pessoas, e que não conhece a amargura, nem a altivez?

CAPITULO. XIV.

Juizos Imparciaes de Escriptores Protestantes sobre a Religião Catholica.

HUme na sua Historia de Inglaterra, havendo descripto os infaustos effeitos das perseguições reciprocas dos Governos e Povos da Christandade por crenças e liturgias, e particularmente a horrenda matança dos *Huguenots* na França por ordem do Rei, e dos *Protestantes* na Irlanda por furia do povo, com o pretexto de se purificar a Religião Catholica, e destruir a heretica pravidade, diz na vida do Rei James II, que as crueldades dos fanaticos e supersticiosos tem sido causa de eminentes Literatos apostatarem do Christianismo, e seguirem o Deismo: mas condemna tal desvario, e assim pondera:

„ O sophisma de arguir do abuso de alguma cousa contra o uso della, he o mais grosseiro, e ao mesmo tempo o mais commum, á que os homens estão sujeitos: porém deduzir dahi inferencia em desavantagem da Religião [illegible] arguir temeraria e erroneamente. „

„ O proprio Officio da Religião he reformar a vida dos homens, purificar os seus corações, e segurar obediencia ás Leis, e áos Magistrados. Quando ella inspira e effeitua estes saudaveis propositos, as suas operações, bem que de valor immenso, são secretas e silenciosas, e raras vezes entrão no conhecimento da Historia: esta somente refere os grandes crimes, que avultão no Theatro do Mundo, e que são os grandes mananciaes das facções, revoluções, e convulsões publicas. „

„ Toda a Instituição, por divina que seja, ainda que os homens sinceramente a adoptem, degenera de sua primitiva pureza, pelas enfermidades da nossa natureza, a não ser guardada com extremosa vigilancia. Que especie de devoção ha tão pura, que não participe dos sentidos, e da imaginação? Dahi se tem originado as extravagancias do fanatismo, e as cruezas da superstição. „

Burke nas suas *Reflexões* sobre a *Revolução da França*, em que Athêos exercerão contra os catholicos, e especialmente contra os Ecclesiasticos, a mais satanica intolerancia, carnificina, e infernalidade, qual nunca se vio em povo culto ou barbaro, assim esconjura os impios:

„ A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destroir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se for pervertido o seu ensino, ella unicamente servirá de almazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja e o Estado supprirem com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver, as nossas dissensões e animosidades, acrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

„ A historia, na maior parte, consiste na collecção das miserias que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, *direitos do homem*, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com apparencia de bem real. Os grandes actores e instrumentos nos [illegible] males publicos, são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecerão sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

„ Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos; dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vicios, e não

aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitorios em que elles apparecem. Do contrario, os pertendidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoria, mas fatuos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo: mas o seu máo espirito transmigra; e, longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu malefico principio de vida, antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

„ A historia no seculo decimo nono deve ser melhor entendida, e melhor empregada. Confio que ella ensinará á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros ecclesiasticos e magistrados não se despicarem, por vingança, contra os especulativos quietos athêos dos futuros tempos, das enormidades commettidas pelos athêos praticos, e furiosos enthusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião* e *philosophia*, pelo abuso que hypocritas tem feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

„ Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se tinhão mostrado viciosos além dos limites em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto: mas sou homem, e tenho a tratar com homens; e, reprovando a falta da racionavel tolerancia de opiniões religiosas, não desejo correr ao extremo da maior de todos as intolerancias. Supporto as fragilidades, em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões, pela inclinação dos homens aos vicios, deve ser prevenido por olhos vigilantes, e mãos firmes.

Conclusão.

S. Paulo á quem a Igreja primitiva deo o titulo de Apostolo e Mestre das Gentes, cuja miraculosa conversão se refere nos *Actos dos Apostolos*, subitamente convertendo-se de Israelita perseguidor em o mais zeloso progador do Envangelho, nos transmittio a seguinte *Lição Moral* sobre o Espirito da Tolerancia, Una-

nimidade na Fé, inscrutabilidade da Providencia. *

„ Deos cegou os entendimentos dos infieis, para que lhes não resplandeça o faról do Evangelho.

Todos os que são elevados pelo Espirito de Deos, são filhos de Deos: — não recebestes o *espirito de escravidão*, para estardes outra vez com temor: mas recebestes o *espirito de adopção* de filhos, segundo o qual clamamos dizendo — PAI — PAI.

Lançamos fóra de nós as paixões, que por ignominiosas se occultão, não nos conduzindo com artificio adulterando a palavra de Deos; mas recommendando-nos á toda a consciencia dos homens diante de Deos, na manifestação da verdade.

Sabemos que os que amão a Deos, todas as couzas lhes contribuem para seu bem.

Os dons e a vocação de Deos são immutaveis.

Tambem vós em algum tempo não crestes em Deos, e agora haveis alcançado misericordia.

Deos a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericordia.

O' profundidade das riquezas da sabedoria de Deos! Quão incomprehensiveis são os seus juizos, e quão inescrutaveis os seus caminhos! Quem conhoceo a mente do Senhor! Ou quem foi o seu conselheiro!

Ao que he fraco na fé, ajudaio-o, não com debates de opiniões.

Quem és tu que julgas o servo alheio? Para seu Senhor está em pé, ou cahe: mas elle estará firme; porque *Poderoso he Deos para o segurar*. — *cada hum abunde em seu sentido.*

E tu porque julgas a teu irmão? Ou porque desprezas tu a teu irmão? Todos compareceremos ante o Tribunal de CHRISTO. Porque está escrito — Eu vivo, diz o Senhor: todo o joelho se me dobrará, e toda a lingua dará louvor á Deos — *cada hum dará conta á Deos de si mesmo.* —

Não nos julguemos mais huns aos outros, antes cuidai bem em não pôrdes tropeço e escandalo ao vosso irmão: — *sigamos as cousas que são de paz.*

(*) Epist. aos Romanos cap. VIII. XI. XIV. XV. Epist. aos Corinthios cap. II. IV. X. XI. XIV. Epist. II. cap. I.

Nós que somos mais valentes, devemos supportar as fraquezas dos que são debeis, e não buscar a nossa propria satisfação. Tudo quanto está escripto, para nosso ensino está escripto; a fim de que pela paciencia e consolação das Escripturas tenhamos esperança. — Mas o *Deos de paciencia e de consolação nos conceda uniformidade de sentimentos*,, segundo o *espirito de JESUS CHRISTO*, para que UNANIMES á huma boca glorifiqueis a Deos e Pai de nosso Senhor JESUS CHISTO. — Por cuja causa mostrai accolhimento huns aos outros, como tambem CHRISTO no-lo mostrou para gloria de Deos. —

Irmãos, rogo-vos que *todos sejaes huma mesma cousa*, e que não haja entre vós schismas; antes sejais perfeitos em hum mesmo sentimento, e em hum mesmo parecer. A vóssa fé não se funde na sabedoria dos homens, mas na virtude de Deos. — Entre os perfeitos fallamos da sabedoria, mas não da sabedoria deste seculo, nem dos principes deste seculo, que são destroidos.

Não julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não só porá ás claras o que se acha escondido nas mais profundas trevas, mas tambem descobrirá o que ha de mais secreto nos corações; e então cada hum receberá de Deos o louvor. — Deos não he Deos de dissenção, mas de paz.

O *Deos de esperança* vos encha de todo o gozo, e de paz na vossa crença; para que abundeis na esperança, e na virtude do Espirito Santo. — Estou certo, irmãos, que tambem vós mesmos estais cheios de caridade, cheios de saber; de maneira que podeis admoestar huns aos outros.

Todos vós sois *filhos da luz*, e filhos do dia: nós não *somos filhos da noite*, *nem das trevas*. „

CAPITULO. XV.

Dos Estabelecimentos de Caridade.

Sêde misericordiosos como tambem o vosso Pai Celeste he misericordioso. — Tereis copiosa recompensa, e sereis filhos do Altissimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e máos. — Ev. S. Luc. cap. VI. 35. e 36.

NO *Diario Fluminense* N.° 37 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825, se acha inserta instructiva Doutrina Philanthropica, que ahi se diz — *Huma Palavra aos Brasileiros* —, de hum Literato Portuguez, o qual em Londres tem estrenuamente advogado a Causa da Independencia do Imperio do Brasil. Como o objecto á que me propuz, não he fazer *obra minha*, mas *obra util*, communicando á Mocidade em substancia o que tenho achado de proveito publico na lição dos escriptos de credito; aqui transcrevo alguns paragraphos daquella excellente Exhortação.

As boas Leis são como as boas sementes, que não podem prosperar nos terrenos aridos, magros, e desprovidos. Povo sem costumes não póde ser bem contido pelas providencias do Legislador; as leis são vãs, e nada aproveitão sem costumes: *quid leges sine moribus vanæ proficient?*

Não só os Apostolos da *democracia*, mas toda a especie de theorista, toda a casta de *republico*, faria maior serviço á sua patria, se, em vez de systemas sobre a combinação dos poderes, ensinasse methodos praticos de extender a Instrucção Publica, de estabelecer a educação elementar das classes inferiores, e, sobre tudo, de infundir no espirito dos Povos a *moral pratica*, e a *caridade Christãa*. Só assim he que se predispõe huma Nação á observancia das leis, e á cultura da benevolencia reciproca.

Por mais bem governado que seja hum Imperio; por mais fertil que seja o seu terreno: por mais suave que seja o seu clima; por mais activa que seja a,

industria de seus habitantes; nunca os beneficios podem extender-se á todas as classes da sociedade: forçosamente ha de haver huma classe indigente, maior ou menor, que causará grandes inquietações com crimes, e com violencias, se a mão bemfeitora do rico não velar constantemente na sua manutenção. As leis não podem fornecer empregos á todos; a população dos Imperios cresce n'huma grande desproporção com os meios da subsistencia; e daqui resulta a miseria de hum grande numero de individuos. As leis o que podem fazer he reprimir os habitos da ociosidade; mas não podem achar capitaes sufficientes para empregar nos trabalhos productivos do Campo, ou da Cidade, huma população superabundante, excessiva: e menos alimentar a velhice caduca, e amparar todos os enfermos, e achacados, que nem tem meios de viver, nem os podem ganhar pelo seu trabalho. A' este grande transtorno da Ordem Social he preciso que acuda a *Benevolencia Publica*: alias o cumulo da miseria trará bem depressa comsigo o cumulo da depravação, e do crime.

Em Inglaterra mesmo, onde a grande industria tem accumulado huma incalculavel massa de capitaes, não pode supprir-se este grande defeito. A população excede todas as medidas; e o espirito o mais industrioso, auxiliado por capitaes immensos, não pode achar trabalho para todos; e que seria se o espirito de benevolencia não prestasse hum prompto soccorro á miseria? Sem este soccorro á Moral Publica, de que serviria o seu bom Governo Mixto? De que serviria o *habeas corpus*? De que serviria a *liberdade da Imprensa*? De que serviria o processo por *Jury*? As ruas cheias de pobres, os campos cheios de gente faminta, e as estradas cheias de ladrões, serião o necessario effeito, apezar de tão uteis Instituições. Mas a Moral Publica, fructo da educação, e da instrucção, vai aqui tanto de accordo com as leis, e com o Governo, que supprem os seus defeitos respectivos, e trabalhão em commum no aperfeiçoamento da civilisação.

Quando se olha para o grande numero de Estabelecimentos de Caridade, e Beneficencia, que comprehende só a capital de Inglaterra, e quando se reflecte nas molas porque esta Grande Maquina se conduz, nenhum

exemplo de civilisação póde ser offerecido á hum Imperio nascente como este da Benevolencia Publica. — Há em Londres:

117 Casas pias, que sustentão pobres, velhos de ambos os sexos, á que se chama "*Alms houses.*" (Casas de Esmolas.)

30 Hospitaes, para pobres enfermos, coxos, invalidos, mulheres pejadas, mulheres de parto, meninos desamparados, moços seduzidos &c.

16 Boticas publicas (*Dispensatorio*) onde os medicamentos se distribuem de *graça*, pela gente pobre de qualquer sexo, idade, religião, ou nação.

31 Sociedades, destinadas (segundo os seus differentes titulos) a educar orfãos de ambos os sexos, casar donzellas pobres, livrar prezos por dividas, proteger viuvas desamparadas, acudir aos afogados, tractar dos doudos, &c. &c. D'entre estas he digna do maior elogio huma chamada a *Samaritana*, que tem por fim cuidar dos convalescentes que sahem dos Hospitaes: duas outras se occupão exclusivamente — ou em assistir aos partos das mulheres casadas, — ou em visitar os enfermos nas suas proprias casas.

91 Companhias, que tem por objecto dar esmolas á gente necessitada: e monta a 800 mil cruzados por anno o capital de taes esmolas!

1600 Sociedades de artistas mechanicos, e gente de trabalho, o objecto das quaes he soccorrer os seus socios enfermos, e cuidar de seus enterros.

122 Bancos economicos (*saving banks*) onde a pobreza deposita o dinheiro, que pode forrar ás suas necessidades, e percebe hum juro de 4 por cento: de sorte que o pobre, que depositar n'hum de taes bancos *dois tostões* cada semana, receberá no fim de 20 annos 310 mil réis, proveniente do capital, e juro composto.

Em summa, não menos de *dois mil, e sete* vem a ser os Estabelecimentos de Caridade, e beneficencia dentro da Capital da Grã Bretanha! Nenhum delles he sustentado ou dirigido pelo Governo. Subscripções voluntarias, legados, e doações de individuos particulares, são o patrimonio destes Estabelecimentos; e deste modo os Cidadãos ricos, e philanthropicos procurão aperfeiçoar a moral, e remir as necessidades de seus com-

patriotas. Este he sem duvida o acrisolado patriotismo, que póde fazer, tem feito, e fará sempre, o melhor ornamento do homem social, ou do Cidadão honesto.

Eis-aqui os exemplos dignos de imitar: todas estas Instituições de Caridade supprem os defeitos da legislação; os ricos tomão conta daquella pobreza inevitavel, que encheria de crimes outra qualquer sociedade, e causaria o maior transtorno, por mais fortes que fossem as garantias da liberdade, e por mais copiosas que fossem as fontes da prosperidade publica.

CAPITULO. XVI.

Exemplos de Caridade, Contra Horrida Deshumanidade.

Meu pai e minha mãi me desampararão, mas o Senhor me tomou no seu patrocinio. — (Psalm. XXVI. ver. 10.)

SUa Magestade Imperial, em Resolução de Consulta do Desembargo do Paço sobre Representação dos Mordomos da Santa Casa da Misericordia desta Corte, Deo Providencia na Provisão de 22 de Fevereiro de 1823 contra o abuso dos máos senhores, que, mandando levar á Roda dos Engeitados *crianças de côr preta*, depois de serem estes alli criados, os reclamavão como seus escravos; Declarando, *em favor da Liberdade*, que *seria cousa deshumana*, e inteiramente opposta ao bem entendido liberalismo, que os *Expostos de côr*, entregues ao abandono por seu senhor, e tratados e educados pelo Publico, devessem ainda ser chamados ao captiveiro; Ordenando, que taes Expostos ficassem sob a Inspecção do Juiz dos Orfãos, e Recommendando á este Magistrado o mais zelozo cuidado em lhes procurar accomodação convinhavel, e fazer-lhes aprender officio da sua inclinação; Mantendo-lhes os *privilegios* da *ingenuidade* e *habilitação pessoal*, que lhes pertencem pelo § 7 do Alvará de 30 de Janeiro de 1775.

No *Diario do Rio de Janeiro* N.º 12 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825 se fez o seguinte *Annuncio*.

" Na casa da rua detraz do Hospicio N.º 174 se
„ acha desde a noite de 8 do corrente *huma criança*
„ *preta de hum anno*, que por commiseração e huma-
„ nidade alli foi recolhida, sendo encontrada no bêco
„ do Fisco — *chorando, em miseravel estado de abando-*
„ *no* — Cortada de Açoites —. No caso de escapar da
„ morte á que fora lançada, poderá reclama-la quem di-
„ reito tiver, *apresentando-se essa boa creatura* ao An-
„ nunciante, que muito dezeja conhece-la. „

Não consta que até agora algum *Herodes*, eu alguma *Jesabel*, se apresentasse para reclamar direito de dominio sobre a *criança preta de hum anno*, *cortada de açoites*, e exposta na rua em miseravel estado.

Este exemplo de Caridade, e de Deshumanidade, he bem que fique manifesto neste escripto, para *Horror do Brasil*, e *Lição Moral*.

Elle demonstra, que, não obstante os pessimos e notorios exemplos de crueldade impunida, que se frequentão pelo systema de cativeiro, ainda ha almas compassivas, que denuncião taes attentados para a Execração do Povo; e que os malvados, temendo o odio do Genero Humano, e respeitando a Moral Publica, não ousão comparecer, ainda instigados da avareza, para reclamações que o convencerião de sua malfeitoria. Concluirei com o Moralista *Hume*:

" No commum dos homens educados em regulares e civilisadas sociedades, os sentimentos de vergonha, dever, honra, sempre tem consideravel authoridade, e servem a contrabalançar e dirigir os motivos do interesse particular. — Eis viva prova do quanto he impossivel, ainda aos espiritos mais corruptos, o despirem-se de todo o *respeito á Moralidade*, e ao *Dever Social*. „

CAPITULO XVII.

Do Preceito da Honra.

Honrai a todos: amai a Irmandade: temei a Deos: acatai o Rei — S. Pedro I. Epist. cap. II. vers. 17.

E Spirito de Honra he dictado aqui pelo Principe dos Apostolos, como preceito da Religião Christãa. Mas he evidente, que nessa manifesta ampliação do Mandamento do Decalogo, que ordena *honrar ao pai e mãi*, decretando o acatamento ao Rei, prescreve a summa Honra ao Soberano, como *Pai da Patria*.

He comtudo não menos evidente, que esse preceito só teve por objecto a *honra civil*, qual se deve mostrar nos sinaes externos de reverencia á todas as pessoas, e na habitual equidade de não descobrir seus defeitos, para não se lhes tolher a estima do Publico, e do Governo, que he huma propriedade de summo preço.

A *honra natural*, e que só merece o titulo de *verdadeira honra*, he a que se funda na *genuina e constante virtude*: só esta he a que attrahe justa estima, e cordial reverencia. Sobre esta importantissima parte da Sciencia Moral convem dar noções exactas, e expor as opiniões dos Moralistas, e Politicos.

Recordando aos Leitores o que já explanei sobre este assumpto no *Supplemento* cap. XXVII., addirei o seguinte.

Blair * diz: " O amor da honra he huma das mais fortes paixões do peito humano: elle se mostra ainda nos mais tenros annos, e nos accompanha por todas as idades da vida. Porém os homens varião nas suas idéas do que constitue *honra*. Todos desejão distincção e preeminencia: todos aspirão a adquirir respeito entre as pessoas com quem vivem: ninguem he insensivel ao desprezo e á infamia. A Escriptura sagrada frequentemente menciona e recommenda a *honra*, como derivada da sabedoria, e da observancia da Religião.

(*) Serm. tom. III. S. I.

A verdadeira honra do homem não consiste meramente no que reclama respeito externo, mas no que inspira reverencia do coração. Sem duvida não consiste na mera posse da riqueza; pois que esta se pode achar nas mãos das pessoas as mais vis. Parece que a Providencia assim o permitte, para mostrar quanto a riqueza he de nenhuma valia na vista de Deos, sendo desaccompanhada da virtude. A experiencia mostra, que a posse da riqueza he compativel com o mais geral desprezo da pessoa.

Tambem a verdadeira honra não consiste na mera dignidade e preeminencia de Empregos. Se taes distincções sempre se alcançassem por merito não commum, darião real honra ao caracter da pessoa que dellas fosse revestido: mas, no presente estado da sociedade, he bem sabido, que em grande, se não na maior, parte se adquirem só pelo nascimento e patrocinio; e não poucas vezes são o premio de lisonja, intriga, servilismo, importunidade. Quantas vezes as pessoas á que se prestão externas honras, como as mimosas da fortuna, são geralmente desestimadas, e despresiveis, pela vileza de caracter, e indignidade reconhecida! Sem duvida he devida a honra ás pessoas de illustre nascimento, e Empregos no Estado: a subordinação da sociedade assim o requer, e cada bom cidadão deve espontaneamente prestalla. Mas, quantas vezes taes pessoas assim condecoradas, e as mais externamente respeitadas, são desprezadas pelos homens em seus corações, e até execradas pelo Publico? A sua elevação só serve para fazer mais conspicua e manifesta a sua incapacidade e infamia. Attrahindo assim mais a attenção dos homens á sua conducta, patenteão em mais viva luz o quão pouco merecem a honra que possuem.

Igualmente a verdadeira honra não provém das esplendidas habilidades e façanhas, que excitão a admiração. Coragem, proeza, gloria militar, conquistas, podem fazer famoso o nome de alguem, sem constituir o seu caracter honorifico. A sus eminencia pode não conciliar-lhes estima e reverencia interna. A sua gloria pode ter sida manchada com injustiça, rapina, deshuma-

nidade, e outros vicios do seu caracter, que o fazem odioso, e detestavel.

Finalmente a verdadeira honra tambem não resulta só de transcendente politica, e literatura de Estadistas, e sabios de genio e erudição fóra do commum, se não são intencionalmente empregados os seus talentos em promover o Bem do Genero Humano, e pelo motivo de virtude, em obediencia á Divina vontade. A verdadeira honra só recahe no real merito, e *Bom Caracter* de taes pessoas, que as fazem dignas da affeição e veneração dos sabios e virtuosos, contemporaneos, e vindouros.

A pessoa credora do tributo da verdadeira honra he quem mostra hum espirito superior ao medo, egoismo, e corrupção do seculo; que só he governado por principios de uniforme rectidão e integridade; que he igual na prosperidade, e na adversidade; que nenhuma peita seduz; nenhum terror assombra; nenhum prazer afemina; nenhuma tribulação abate; que em qualquer situação da vida não se envergonha ou teme de fazer o seu dever com firmeza: que he verdadeiro á Deos que adora; sincero á fé, que professa; cheio de caridade á todos os seus irmãos do Genero Humano; fiel aos amigos, generoso aos inimigos; compassivo aos infelizes; abstemio nos proprios interesses, e prazeres; zeloso da conveniencia e felicidade publica; magnanimo sem ser altivo; humilde sem ser baixo; justo sem ser aspero; singelo nas suas maneiras, mas varonil nos seus sentimentos; em cuja palavra se possa inteiramente confiar; cuja physionomia não engana; cujas profissões de benignidade são effusões do coração; pessoa em fim, que toda a gente, independente de quaesquer vistas de vantagem pessoal, escolheria para superior, confiaria como amigo, e amaria como irmão. — Eis o homem, á quem em nossos corações deveriamos dar honra! „

Ainda que a *Verdadeira Honra* consista na *Virtude*, com tudo esse termo he applicado para exprimir qualidade moral, ou civil, distincta da Virtude, ou subalterna á mesma.

O Escriptor da *Moral Universal* * define a *Honra*

(*) Barão d'Holbach. Liv. I. Secc. III. cap. II.

verdadeira o direito que adquirimos pela nossa boa conducta á estima dos outros homens. *Honra das pessoas* he não menos a dignidade propria, que a reverencia alheia.

Honra das Coroas he expressão usual na Diplomacia para designar a magestade das Potencias, e a pratica de acções dignas dos Principes, que lhes attrahem a estima e Consideração das Nações. Diz se *Homem de honra*, o que não faz, nem presume-se capaz de fazer, acção que todos os homens bons condemnão, ou censurão, e que lhe faria perder o credito. *Mulher de honra* se diz com especialidade a que he pudica, e observante da fé conjugal.

Entre as que se presumem ou intitulão *gentes de bem*, he recebida a regra, que a *honra vale mais que a vida*, e que nenhuma pessoa que aspira a ter credito, deve jamais *vacillar de sacrificar a vida á honra.*

Porém não só o vulgo, mais ainda as classes superiores, affectão *pondonor*, ou *ponto d'honra*, em cousas de mero capricho, e orgulho.

Montesquieu no seu *Espirito das Leis* Liv IV., Cap. II. e *seguintes* assim doutrina:

" O Mundo he a escola do que se chama *Honra*, a qual he a Mestra Universal, que nos deve conduzir em todas as cousas. Alli he que se vê e ouve sempre dizer tres cousas: que se deve pôr nas virtudes huma certa nobreza; nos costumes huma certa franqueza; e nas maneiras huma certa polidez.

" Sendo os homens nascidos para viver em sociedade, devem considerar-se nascidos para se comprazerem. A pessoa que não observasse as decencias estabelecidas, desagradando á todos com quem vivesse, desacreditar-se-hia á ponto de ser incapaz de fazer algum bem. „

Este Escriptor aqui considera *Honra* a delicadeza em bem conviver e tratar com os nossos semelhantes, evitando o seu desagrado.

Affirma o paradoxo, que só a Honra, e não a Virtude, he o principio do Governo Monarchico; e define a virtude o *amor da patria*, que diz consistir na *renuncia á si proprio*. Diz mais:

" Na Monarchia não ha cousa que as Leis, a Religião, a Honra, tanto ordenem, como a *obediencia á vontade do Principe*: mas esta Honra nos dicta, que o,

Principe não deve jamais ordenar huma acção que deshonre ao cidadão; pois que tal ordem nos tornaria incapazes de lhe fazer bom serviço.

" *Crillon* recusou assassinar ao Duque de Guisa; mas se offereceo á Henrique III. o bater-se com elle em duello. Tendo Carlos IX. expedido ordem para no dia de S. Bartholomeo os Govervadores das Provincias da França effeituarem a matança dos Huguenots, o Visconde de Horta, Commandante de Bayonna, escreveo ao Rei nestes termos: Senhor, entre os habitantes e militares desta Praça não tenho achado senão *bons cidadãos*, mas não achei hum só carrasco: assim elles e eu supplicamos á Vossa Magestade, que empregue os nossos braços em *cousas que se possão fazer*. — Esta *grande e generosa coragem* considerava a huma *vilania* como *cousa impossivel*.

Sem duvida os ditos Reis da França nas ordens que derão, não obrarão por dictame nem de Virtude, nem de Honra, nem de Principio da Monarchia; mas por espirito de despotismo e fanatismo, que nunca forão principios da Constituição Monarchica, e menos nas Monarchias da Christandade, e muito menos das Monarchias Constitucionaes. Os exemplos indicados mostrão, que ainda em seculos escuros da Monarchia Franceza, á pezar do terror desses Despotas, havião na França *bons cidadãos* de *virtude heroica* e de *honra acrisolada*. A' pezar da tyrannia de alguns Reis da França, não foi sempre o povo Francez hum dos mais distinctos no *amor da patria*, e na *lealdade ao Governo*? Antes da Revolução em Festas Publicas era Geral e Cordial o Grito da Nação = VIVA O REI.

Montesquieu diz mais no Liv. XXIV. Cap. VI. " A Religião Christãa he afastada do Despotismo. Sendo a doçura tão recommendada no Evangelho, ella se oppõe á colera despotica, com que o Principe quizesse fazer justiça á si proprio, e exercer crueldades. „

" Mr. *Bayle*, depois de ter insultado todas as religiões, deprime a Religião Christãa. Elle ousa affirmar, que verdadeiros Christãos não formarião hum Estado que podesse subsistir. Porque não? Serião cidadãos infinitamente *esclarecidos sobre os seus deveres*, e que terião mui grande zelo em sua observancia: elles sentirião

mui bem os *direitos da defensão natural*: quanto mais cressem dever á Religião, tanto *melhor pensarião dever á patria*. Os principios do Christianismo, bem gravados no coração, serião infinitamente mais fortes, que as *falsas honras das Monarchias*, as *virtudes humanas* das republicas, e o temor servil dos Estados despoticos. „

No Liv. III. Cap. VI. diz: que " a *Honra representa a Virtude Politica*, e que ella *póde inspirar as mais bellas acções*, e junta á força das leis, conduzir ao fim do Governo Monarchico, como a mesma Virtude. Assim nas Monarchias bem reguladas, quasi toda a pessoa será *bom cidadão*, mas raramente se achará *homem de bem*; porque, para ser homem de bem, he preciso ter intenção de o ser, e amar o Estado, menos por amor de si, que por amor do mesmo Estado. „

" A Honra faz mover todas as partes do Corpo Politico; ella as liga pela sua propria acção; e acha-se, que cada qual vai ao Bem-Commum, crendo ir á seus interesses particulares. He verdade, que he huma honra falsa a que conduz todas as partes do Estado; mas esta mesma honra falsa he tão util no publico, como a verdadeira o seria aos particulares, que a podessem ter. Não he muito obrigar os homens a fazer todas as acções arduas que exigem força de espirito, *sem outra recompensa que a fama dessas acções*? „

" Nos Estados Monarchicos, e moderados, o poder do Soberano he limitado pelo principio de Honra, a qual reina como Rainha, tanto sobre o Principe, como sobre o Povo.

No Liv. IV. Cap. II. estabelece como principaes regras da Honra; " jámais se fazer caso da fortuna e da vida em caso de conflicto dellas com a Honra; e, depois de sermos elevados á alguma distincção, não fazer, nem soffrer, que sejamos considerados indignos de tal distincção. „

He incontestavel que o principio da Honra he Grande Auxiliar da Virtude, e, depois da Religião, he a mais solida garantia da fidelidade dos cidadãos, e da Probidade dos Monarchas, e da mutua confiança entre os Governos e os governados.

O moderno direito das Gentes, para mitigar os horrores da guerra, e promover a reconciliação e paz,

se tem valido do *principio da honra* *, introduzido o estilo de dar quartel e a liberdade aos inimigos vencidos, ou que requererão capitulação, sob sua *palavra de honra* de não tomarem armas contra o vencedor, considerando se summa deshonra o faltar-se á convenção. Os bons effeitos são notorios.

Em Inglaterra os Lords tem o privilegio de não serem obrigados á qualquer juramento requerido pela Lei aos mais cidadãos; na justa confiança publica, de que pessoas de alta nobreza não se deshonrarão jámais faltando á verdade, bastando dar *sua palavra de honra.*

Bem disse *Burke*: " Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro *espirito de lealdade*, que, livrando os Reis do medo, livra tambem os Soberanos e cidadãos das precauções contra a traição e tyrannia, ver-se-ha a longa lista das crueis e sanguinarias maximas, que formão o codigo politico de todo o *Poder*, *que não se funda na propria honra*, *e na honra dos que devem obedecer.* ,,

O nosso Imperador, depois que Declarou a Independencia do Brasil, e Ordenou na Proclamação de 8 de Janeiro de 1823, que todos os naturaes do Novo Imperio que residissem em Portugal se recolhessem á Patria, assim Apellou para a Honra do Povo Brasileiro " O Vosso Imperador, o Vosso Perpetuo Defensor, o Vosso Amigo, não deve duvidar hum só momento da vossa Honra, e Patriotismo. — Brasileiros Estou certo, que a vossa resolução será o que Dicta a Honra, e o Brio Nacional. Em vós Confio. ,,

No Decreto de 8 de Maio de 1822, dando providencias para se prehencher o numero sufficiente de Tropas da Brigada da Marinha Brasileira por concurso de

(*) Tal he o poder, ainda da *falsa honra*, que se funda na idéa de primazia, nobreza, e distincção, e dá estima e fama, no juizo dos homens de bem, de não ser capaz de obrar acção indigna, e infame, que até o jogador arrojado, que viola as leis de seu paiz em jogos de hazar, e de grande paradas, no risco de total ruina sua, e da familia, sendo impontual, esquivo, e caloteiro em satisfazer os seus legaes empenhos, paga, dentro de vinte quatro horas, a *perda enorme*, que intitula — *divida de honra.*

voluntarios, Reconhece o quanto importa á Disciplina Militar que essa Brigada seja formada de homens bem educados, e com *principios de honra.*

Na Proclamação aos Brasileiros, quando nesse anno o Governo de Portugal ameaçou nova invasão ao Brasil, assim bem conceitua o Brio de seus Naturaes.

" O Brasil não abraça se não a honra, unico alvo á que atira, e unico distinctivo, que distingue a seus filhos. — Contai com o Vosso Perpetuo Defensor, que ha de, em desempenho de sua *Palavra d'Honra*, dar a sua vida, para que o Brasil nunca mais torne a ser Colonia e Escravo. ,,

Tambem, quando a Gratidão e Honra Brasileira O Acclamou Imperador do Brasil, Elle pelo Decreto do 1.º de Dezembro Creou hum Corpo Militar com o Titulo de — Guarda de Honra da Imperial Pessoa.

Finalmente, quando Facciosos Anarchistas proclamarão em Pernambuco a Confederação do Equador, o mesmo Imperador, Magnanimo e Impavido, na *Proclamação ao Exercito*, assim exalta o Valor Militar " A Honra Nacional e a Minha se achão offendidas. ,, O resultado foi prompta Victoria, e Aniquilação da Anarchia.

CAPITULO. XVIII.

Causa da Justiça e Humanidade.

Deos de hum só fez todo o Genero Humano — assignando a ordem dos tempos, e os limites de sua habitação. Act. Apost. cap. XVII. vers. 26.

CONvencido, que a Constituição Moral presuppõe a homogeneidade da Especie Humana, e que não póde haver Melhoramento, e menos complemento dos Bons Costumes, sem a praticavel reforma de Leis relativas ao commercio de sangue Humano, terrivel resto do extincto Systema Colonial, não posso concluir a emprehendida tarefa sem aqui deixar (permitta-se me dizer,) o meu *Testamento Philanthropico.*

A Honra do Brasil se acha desluzida e compro-

mettida nos Periodicos de Inglaterra, e Relatorios da *Sociedade Africana* de Londres, por se terem no Imperio do Cruzeiro continuado os horrores do Trafico de Escravatura, contra a Fé dos Tratados, e Honestidade Publica. A cubiça dos contrabandistas, e infractores dos Regulamentos, tem motivado as ignominiosas capituladas.

Porém o que mais deshonra, he que em cartas insertas no *Diario Fluminense* do corrente anno, se tenha pertendido hallucinar os espiritos, procrastinando para a indefinida epocha das Kalendas Gregas a final Abolição do Horrido Trafico, quando a Humanidade está clamando por Herculeo Golpe ao pavoroso Dragão.

Até as Potencias da Santa Alliança já fizerão em Declaração Diplomatica o Manifesto do seu Juizo sobre essa *Culpa Social*; e já, em parte, mostrarão attender ao voto do insigne Politico da Europa o Presidente de Montesquieu, que no seu classico livro do — *Espirito das Leis* — Primeiro advogou a *Causa Liberal* á bem dos Africanos, assim dizendo no Liv. XV. Cap. V., ainda que com ironia, pelo receio de ser — *voz clamante em deserto.* —

" Os povos da Europa, depois de exterminarem os
„ da America, tem devido reduzir á escravidão os de
„ Africa, a fim de servirem-se delles para a cultura de
„ tão extensas terras. — Supponde-se que os Negros são
„ homens, começar-se-hia a crer que não somos chris-
„ tãos. — Os Principes da Europa, que tem feito tantas
„ Convenções inuteis, não farão huma *Convenção Ge-*
„ *ral* em favor da misericordia e da piedade? „

Já deo contas á Deos o Bispo de Pernambuco (por desdita Brasileiro) que neste seculo, ostentandose Antagonista de tantos insignes Literatos e Estadistas Benemeritos da Humanidade, se erigio em Apologista do Trafico negregado, animando-se a publicar huma obra, em que o justifica, com o systema de cativeiro, por necessario e conveniente ao Brasil, sem previsão das consequencias, como se tivesse em vista concentrar a Ethiopia na Terra da Santa Cruz, onde no seu descobrimento só se acharão homens brancos e de côr.

Em 1818 dei á luz huma *Memoria dos Beneficios Politicos* de Sua Magestade Fidellissima, ElRei D. João VI., enumerando entre elles a Sua Convenção,

com Sua Magestade Britannica ElRei Jorge III., em que se comprometterão a cooperar para a *Causa da Justiça* e *Humanidade*, a fim da gradual Abolição do Mal de tres seculos. Alli mostrei assaz o Interesse Nacional, que resultaria desse Expediente.

Mas, como tem sido notorias as reclamações do Governo Inglez contra recrescentes abusos dos Armadores, e não falta quem ostente pertinacia, escudandose com a authoridade do dito Prelado, he dever moral addir ponderações sobre tal obra.

Limitar-me-hei a refutar a triste Homilia quanto aos exemplos que elle allega da Escriptura Sagrada. Para provar que o Trafico e o cativeiro são de immemorial origem, cita o miserando caso do moço *José*, filho do Patriarcha *Jacob*, que foi vendido por seus Irmãos aos Traficantes Madianitas, os quaes o forão revender no Egypto. Cita tambem o caso de *Mardochêo*, quando *Assuero* Rei da Persia deo, por conselho de seu impio valido *Aman*, o fatal Decreto de exterminação dos Israelitas, e estes supplicarão, por mercê, a escravidão, como menor mal que a morte. Tambem se funda na Permissão Pontificia do Trafico, como o unico meio de trazer o gentio d'Africa ao Gremio da Religião n' America.

A antiguidade dos costumes barbaros só prova a original corrupção da Especie Humana. Ainda mais antigo he o fratricidio de Caim á Abel. Pode-se com tal aresto justificar fratricidas? Tem sido notado por Philosophos, que a arte de destroir cidades, e cativar os prisioneiros de guerra, he quasi coéva á constituição dos Estados. Prova isso a justiça dos Destruidores da Terra, e dos oppressores da Humanidade, e ainda menos a necessidade e conveniencia das guerras e tyrannias nos paizes onde se continuão por antiquissimo estilo? O direito consuetudinario só he allegavel no que não repugna aos *Sentimentos da Naturesa*, que não se exterminão com erroneas policias, e mortiferas ameaças. * Brados da Humanidade não se suffocão nas Feiras de Escravatura. †

(*) *Naturam expellas furcâ, tamen usque recurret. Hor.*
(†) Na Obra Ingleza — *Diario de Viagem ao Brasil* de

Sem duvida o nosso Governo, que bem aprecia os sentimentos da Humanidade, não pode emendar abusos inveterados sem prudencial cautela. Mas ficar *Estacionario*, quando todos os Governos d' America tem abatido o Inimigo da Civilisação, he impolitico, he improvidente.

Reconheço que a maior difficuldade está na falta do mais extensos conhecimentos do povo para mudança de opinião sobre o presente assumpto. Não permitta Deos que as luzes das Potencias que se tem declarado contra o mortifero Trafico, e o sagrado fogo da Humanidade, se apaguem sob o Hemispherio das Brilhantes Constellações d' America Meridional. Bem diz o acima citado Montesquieu no seu — Espirito das Leis — Liv. XV. Cap. III.

" Os conhecimentos fazem os homens doces; a ra-
„ zão os inclina á humanidade; só os prejuizos fazem
„ renunciar á ella. „

Só quem for inteiramente ignorante da Biblia, poderá recusar o testemunho da propria consciencia no caso de que se trata.

Quem ignora que Deos salvou ao innocente joven José sendo revendido no Egypto; e que, despois de ser Liberto, até o elevara á Dignidade de ser o *Segundo* ao Soberano; a final dizendo elle aos prostrados Irmãos — *Vós cogitastes de mim* o Mal, *mas Deos* o *converteo em Bem.* (Genesis Cap. L. vers 20.)

Quem ignora, que, cahindo em duro cativeiro os descendentes da familia do Patriarcha Jacob, Deos suscitara hum Libertador em Moises, mandando lhe que os fizesse sahir, em corpo de povo, da *Casa da Escravidão*, dizendo — *Vi a sua afflição*, e *Ouvi o seu clamor.* (Exodo Cap. III.;) E depois, entre as Leis da Theocracia, estabeleceo — quem furtar homem, e o vender, sendo convencido, terá pena de morte. (Exodo Cap. XXI. vers. 16.)

— *Maria Graham*, vê se no Frontispicio a horrida (mas verídica) Estampa do Mercado de Negros no *Valongo*, no Rio de Janeiro; e na pag. 117 outro igual á porta de huma Igreja em Pernambuco.

Quem ignora, que Deos castigara a deshumanidade e calumnia de *Aman*, derribando-o n' hum instante do alto do seu valimento, perdendo esse impio a vida em altissima Forca, como circunstanciadamente se refere no Livro de Esther? O Historiador agiographo, para Instrucção *á Posteridade*, transcreveo ahi a Satisfação, que o Monarcha deo ás Provincias do Imperio.

Assim se lê no cap. XVI. " Muitos, abusando da bondade dos Principes, e da honra que lhes he conferida, para opprimirem os povos; não se contentando com *violar os direitos da humanidade*, chegão á demencia de presumirem, que podem escapar da sentença de Deos, que tudo vê, calumniando os servidores do Estado dignos de honra, porfiando com suggestões enganar aos candidos Soberanos, que julgão os mais homens por si, não lhes supporndo sinistras intenções; o que he constante das historias. &c. „

Prescindo do resto da infeliz Memoria, que seria ignominia da Literatura controverter; sendo de triste experiencia, que o nefando Trafico impossibilita o gradual preparatorio de mitigação do systema do cativeiro.

Ainda que o assumpto esteja exhaurido pelos oradores do Parlamento Britannico, á que se tem dado com razão o Titulo da *Tribuna da Europa*, com tudo farei as seguintes reflexões.

O Propheta Rei no Psalmo LXXI. Vers. 9, vaticinou, que tambem *os Ethiopes adorarião a Deos.* Começou-se a realisar a prophecia mais ostensivamente, depois que de Portugal em 1450 se expedio huma Missão ao Principe da Abyssinia, de que resultarão optimos effeitos.

Montesquieu no *Espirito das Leis* — Liv. XXIV. Cap. III. attribue ao Christianismo, que se introduzio na Ethiopia, o não se estabelecer ahi o despotismo, não obstante a vastidão do Imperio.

Gibbon na *Historia da Decadencia do Imperio Romano* Cap. XLVII., refere, que o Principe negro da Abyssinia mandou solicitar por seus Embaixadores á Roma e Lisboa huma *Colonia de Artistas*, *Cirurgiões*, e *Medicos*, ambicionando a importação das industrias e artes da Europa: cujos bens os Jesuitas estragarão por sua ambição, occasionando o relapso do povo e governo no antigo barbarismo.

O mesmo *Gibbon* no cap. XLII. refere, que o Imperador Justiniano foi arguido pela sua alliança com os Ethiopios, *como se tentasse introduzir hum povo salvagem de negros no systema da Sociedade civilisada.*

Aquelle Escriptor já no cap. XXV. havia feito o seguinte juizo. " A inacção dos negros d' Africa não parece ser o effeito de sua virtude, ou de sua pusillanimidade. Elles satisfazem, como os mais homens, as suas paixões, e os seus appetites, e as tribas circumvizinhas se empenhão em frequentes actos de hostilidade. Porém a sua rude ignorancia não tem jamais inventado alguns efficazes instrumentos de defeza, ou de destroição: elles parecem incapazes de algum extenso plano de governo, ou de conquista; e a manifesta inferioridade de suas faculdades mentaes tem sido descoberta e abusada pelas Nações da Zona temperada. Secenta mil negros são annualmente embarcados da Costa de Guiné para não mais voltarem á seu paiz natal; mas são embarcados em grilhões: e esta constante emigração, que no espaço de dous seculos teria formado exercitos para se invadir o Globo, *accusa a culpa da Europa*, e a fraqueza d' Africa. „

Sem duvida era decisiva a *superioridade*, em intelligencia e força, dos Europeos no descobrimento d' Africa occidental: mas só a mostrarão no abuso de sua civilisação, manifestando á Sociedade, que unicamente sabião *destroir*, mas não *instruir*, os povos incultos; e que nem attenderão á propria honra, a qual reclamava, que estabelecessem Colonias em o Novo Mundo com a população suprenumeraria de seus descobridores, e e não com gente inerte, repugnante ao trabalho regular, cheia de vicios do paganismo, e sendo até composta de malvados, e cannibaes. Era não menos evidente a impiedade de arrancar com violencias, vilanias, e toda a sorte de más artes notorias, tantos milhares de barbaros, deslocando os de sua patria; havendo necessariamente de serem muitos innocentes victimas da tyrannia de seus Principes, centuplicada com a promoção do nefando trafico de escravatura. E como não virão os Europeos nisso a mais enorme violação da Ordem Cosmologica, tendo o Regedor do Universo separado os Continentes Africano e Americano por quasi ou mais de mil legoas?

Como no horizonte politico não divisarão o perigo da extincção da progenie puritana, necessario effeito de progressiva accumulação de carvões ardentes, quaes depois se afoguearão na Rainha das Antilhas?

Os Defensores do Trafico dão para a sua *Continuação* as, quasi identicas, razões, (costume immemorial e interesse do Governo e Povo) que os Barbarescos das intituladas *Regencias* e *Republicas* d' Argel e Tripoli, tem até agora dado para a continuação da sua *pirataria* contra os Europeos. *Por incognitos Juizos de Deos*, tem por seculos durado essa *piratario*, como *retaliação*, sem que o Grão Poder de suas Magestades Apostolica, Christianissima, Catholica, e Fidellissima, Separadas ou Confederadas, tenhão podido effeituar a Abolição desse Mal.

Tendo-se começado a fundar o Imperio do Brasil em Bases de hum Systema Liberal, seria desairoso, que nelle prevalecesse sobre o Trafico de Escravatura modo de pensar menos humano e equitativo, do que ora predomina na Terra Matriarcha da Liberdade e Independencia do Continente Americano, que Primeira se emancipou da Servidão, Despotismo, e Monopolio da respectiva Metropole, a qual, sobre outros males, lhe introduzio o Cancro do Barbarismo dos Africanos.

He tempo de despertar do lethargo, não se correndo á olhos cegos ao invisivel, mas certo, precipicio, e não se preparando desde já a reforma dos costumes com o legal Corte do Trafico, e Pio Indulto de Resgate, effeetivo, e não illusorio, dos que ainda estão em condição servil. A Policia, com as cautellas necessarias para a occupação dos braços livres, e geral subordinação, bem pode prevenir as desordens que se notão nos fôrros, que, accostumados a viver da sustentação e protecção dos senhores, depois se achão em desabrigo, e sem meios de industria util.

Não he de admirar, que ainda os espiritos estejão tão erradios da verdade, e hajão pessoas tão desentendidas dos seus genuinos interesses sobre taes objectos, quando, até nos Estados Unidos d' America do Norte, a força dos habitos e prejuizos ainda não se eliminou completamente dos Lares Patrios, como se manifesta do seguinte monumento, que se acha na Obra de Econo-

mia Politica do egregio Escriptor daquelle Paiz, *Daniel Raymond*, publicada em *Baltimore* no anno de 1828. Assim diz no tom. II. Cap. 13. — *Influencia da Escravidão na Riqueza Nacional.*

" Ainda ha poucos annos, homens que se chamavão *Christãos*, tiverão a audacia de defenderem o Trafico de Escravatura, não só no Parlamento de Inglaterra, mas tambem no Congresso Americano : e os Annaes do nosso paiz resguardão a Ementa do facto ignominioso, que dous Estados Americanos recusarão entrar na União Federativa, sem se lhes dar o privilegio de continuarem esse Trafico por vinte annos. Porèm nestes vinte annos tal revolução se fez na Opinião Publica, que presentemente a pessoa que ousasse justificar o Trafico, seria olhado como hum *Monstro de depravação.* ,,

" Tem-se porfiado em persuadir ao povo, que he peccado forrar os escravos, e que os senhores que lhes dão a liberdade, não só causão damno aos mesmos escravos, mas tambem ao paiz. — Quando os Apostolos da Escravidão pregão a *divina origem* da mesma, e tem a ousadia de citar em prova a Sagrada Escriptura no Pentateucho, e até *as puras e santas doutrinas do nosso Salvador e de seus Apostolos*, como authorisados que justificão a escravidão, não advertem no mal que fazem á Patria e á Posteridade, impedindo multiplicarem-se taes actos de justiça aos servos opprimidos.

" Quem crê no governo moral de Deos neste mundo, e que elle tem estabelecido certas naturaes leis da justiça, que não permitte serem violadas com impunidade, pode facilmente discernir o *Braço Vingador*, que faz recahir sobre o oppressor os muitos males resultantes do Systema de captiveiro; *e convem á hum povo christão purificar se de tal abominação.*

" Quem crê no moral Governo de Deos no mundo, facilmente perceberá os signaes de seu alto desagrado contra o captiveiro, na diminuida população que elle causa; na comparativa inferioridade de producção de terra em consequencia de sua imperfeita cultura; — nos habitos de preguiça, ociosidade, e consequente moral degradação, que sempre caracteriza á huma porção dos habitantes dos paizes de escravos. He facto constante que nos Estados da Confederação em que não ha escravos, ou mui poucos, não obstante serem menos ferteis, e extensos, a riqueza e moralidade he superior, e a população dobrada. ,,

" A geração actual não he responsavel pelos males da escravidão de que não foi causa ; pois essa iniquidade e praga foi obra e agencia dos Introductores originarios : porém he responsavel, se desattende, e se oppõe, aos meios praticaveis de mitigação dos mesmos males, e ainda mais se aconselha e promove a sua perpetuidade. ,,

" Felizmente he quasi geralmente reconhecida a enormidade do mal politico e moral do Trafico de Negros d' Africa, e do systema de captiveiro perpetuo: os que ainda opinão em seu favor, temendo o Juizo Publico, são cautelosos em manifestar os seus sentimentos. ,,

" Os Regedores das Nações não devem ter a mesma *curta-vista* das causas e consequencias politicas, como os particulares, que só considerão os seus interesses presentes. Elles são elevados á Estancia superior: e de sua alta esphera podem bem ver os *mal entendidos* interesses egoisticos dos individuos, olhando ao futuro, e não atraiçoando a confiança da Nação, cujo verdadeiro interesse he o Permanente Bem Commum. ,,

" No desempenho desta confiança he que se constituem os vice-gerantes de Deos na Terra. Como Deos governa o mundo por leis de eterna justiça e sabedoria, exercendo a sua providencia tanto no prezente como no futuro, os Regedores das Nações devião assim proceder. Até *conforme as mesmas leis do interesse particular*, a *distancia* dos interesses das gerações futuras se deve contrabalançar pela *grandeza dos mesmos interesses.* ,,

" He do dever dos Legisladores considerar a Nação como immortal, e fazer Leis para ella, como se devesse existir para sempre: mas, por desgraça, a maior parte dos Legisladores pensão, que a Nação he de tão curta vida como a sua; e, em lugar de olharem prospectivamente as vindouras gerações, e os futuros seculos, só parecem ter em vista a geração actual, e até os transitorios interesses de certas classes da Communidade, e não os perpetuos interesses da Nação. ,,

" Se os Governos que authorisarão o Trafico de negros d'Africa previssem as suas horriveis consequencias, deverião tello, quanto antes, abolido, e a sua memoria seria abençoada pela Humanidade. Mas, ao contrario, se mostrarão complices dos mais atrozes crimes contra Deos, e contra os homens. ,,

Não ha pessoa cordata, que hoje não reconheça a grandeza do mal politico da incessante importação de cafraria no Brasil; e não se horrorize dos rigores, que commettem os máos senhores contra os escravos, que estão inteiramente sem patrocinio das leis, vendo-se, até na capital do Imperio, o barbaro espectaculo de impunido abuso de authoridade domestica, quasi sendo cada casa hum cádêa e patibulo, onde se praticão flagellações e torturas, com insulto á religião e humanidade dos cidadãos honestos; até havendo desalmados, que defendem como necessarias as tyrannias dos despotas, que dizem, *tendo Nações nas familias*, só se podem reger servos com *reino de terror* *. Com tal systema he impossivel, não só progresso de moralidade, mas até de civilisação. Por isso he entre nós mui notada a violencia de caracter, e a falta de urbanidade, e de maneiras polidas, por habituados os individuos á actos de insolencia, crueza e contrastes de soberba e servilidade.

Cousa espantosa! Quando o Governo Britannico e o dos Estados Unidos d'America do Norte (bons Juizes em causa propria) tem reconhecido a *Culpa Nacional*, e o mal e perigo, physico e politico, da continuação do Trafico de Escravatura, e procurado com Tratados e Regulamentos promover a Civilisação d'Africa e preparar á melhora de condição, e circunspecta Emancipação dos servos em o Novo Mundo; a fim de remover de si a *Praga* do Delicto de seus Predecessores; hum Projectista de Novo Codigo para o Imperio do Brasil, que tomou o *modesto* nome de *Epaminondas Americano*, em hum Opusculo impresso no Maranhão no corrente anno de 1825, ostenta a sua Jurisprudencia com especialidade nos Titulos XXIII. e XXIV. — *Do Commercio de Escravos* — *Dos Escravos e Alforrias*, em que se oppõe á Opinião Publica dos mais sabios Governos, e das mais illustradas Nações; affirmando denodadamente na *pag.* 193, que, sem haver escravos, não pode haver no Brasil riqueza propria, e commercio duravel. Não admitte obrigação de alforria senão no caso de *sevicias provadas* (o que na pratica sempre foi illusorio). Propõe para a Policia do Captiveiro hum *Codigo Negro* ainda mais crú, que o do Governo Francez antes da Revolução, e que alias muito contribuio para a horrida scena do *Haity*.

(*) Essa era a infernal regra dos Romanos, destroidores de homens. Por isso em fim cahio o seu Imperio.
— Postquam nationes in familiis habemus, colluviem illam non nisi metu coercueris — Tacitus.

Seria contaminação a refutação de tal Projecto. Baste indicar aos Leitores, que o Author poz por bases do seu systema as duas terriveis Proposições — " Com ,, boas leis, e a sua vigorosa execução, todas as formas ,, de governo são boas ,, — Eis o indifferentista de Constituições, que iguala *cousas desiguaes*, e que lança na mesma linha de conta os mais contradictorios Governos, Despotico, Democratico, Ochlocratico, *Monarchico* ou *Mixto*, qual a do Constituição do Imperio do Brasil: elle suppõe o absurdo de poderem haver *boas leis*, e (o que he mais caprichoso) a *recta observancia dellas*, em Estado, em que, ou o Tyranno ou o Povo atrabilario faz e desfaz os Codigos e Regulamentos, só pela omnipotencia de sua vontade.

" Vale muito prevenir os crimes; mas muito melhor he saber punillos. ,, Eis a *mão de ferro* alçada com o Alfange do Crescente Ottomano. Como se podem prevenir crimes em Estado onde prevalece a Lei do captiveiro, e onde por isso mesmo boa educação geral he impossivel, sendo as paixões mais vis e violentas predominantes pelo *systema da força*. Sinto dizer a dureza do coração do Author o faz figurar, como *Draco* resuscitado, só proprio para Legislador na costa d'Africa confirmando o systema de Escravatura no Imperio de Monomotapa.

Muito havia que dizer em tão vasta materia. Mas [illegible] preterir aqui a Exemplar Legislação do Li[illegible]dos Indios do Brasil, e dos servos de Portu[illegible] ElRei D. José de gloriosa memoria, que, no Al-

nico, que Primeiro em seu Corpo Legislativo discutio a Questão da Justiça, e que, desta convencido, á despeito dos clamores dos Traficantes Negreiros, e Lavradores de suas Colonias, vio bem com Telescopio Politico as futuras catastrophes, que resultarião da perpetuidade da Injustiça, e persiste no Glorioso Projecto de Abolir por Todo o Mundo tal Immoralidade, e Ignominia do Nome Christão.

O Dia em que as Potencias da Christandade firmarem o Tratado da Universal Abolição do Trafico de Escravatura Africana, e Declararem, como Lei de Convencional Direito das Gentes, *Pirataria* a Violação desse Tratado, será (no meu humilde entender e voto) hum *Dia de Jubiléo* da Humanidade, que, por si só, virtualmente dobrará a saude, robustez, e vida dos miseros negros, e de côr: será (se he licito dizer) Novo Dia de *Ressurreição Civil* * dos naturaes d'Africa, e de seus oriundos n'America, e fóra della, e preparará melhor futura progenie dos mesmos.

Os Potentados Africanos, desenganados de não poderem tirar partido das guerras, para venda de escravos aos Europeos, despertando-se nelles o natural *espirito de imitação*, pelo bom exemplo dos que já sob a influencia do Governo Inglez se estão adiantando nas artes da civilisação, reconhecerão as vantagens de novo modo de regimem.

Os Senhores d'America, que até agora não achavão interesse em cazar os seus servos, ou os descazavão com tanta arbitrariedade e iniquidade, com injuria não menos da Humanidade, que da Religião, verão com intuitiva evidencia a necessidade de bem tratar os seus escravos pretos, ou de côr, e serem vigilantes em promover seus cazamentos, criação, e educação, para conservarem os seus patrimonios com doce regimen patriarchal.

Sobre este assumpto offereço as seguintes reflexões

(*) Em Lingua Commercial se chama *Ressurreição Civil a Vida Mercantil* do Negociante Fallido, que ou por Concordata de Credores, ou por Sentença Judicial, foi restaurado em credito da Praça.

de *Henrique Storch*, *Conselheiro de Estado* do Imperador Alexandre, Autocrator de todas as Russias, que tem gradualmente promovido á este respeito saudaveis reformas no seu vastissimo Imperio, onde ainda ha *servidão domestica*, *da gleba*, e *censitaria*, resto do systema de cativeiro de antigos povos salvagens, nomades, barbaros, e conquistadores. Aquelle illustre-sabio, no seu excellente Curso de Economia Politica, dado á luz em S. Petresburgo neste seculo, por ordem e á custa do dito Soberano, e que he a collecção das *Lições*, que sobre essa sciencia o mesmo Conselheiro deo aos Principes Imperiaes, como seu Preceptor; depois de mostrar as decisivas vantagens do trabalho dos livres sobre o trabalho dos escravos, e as acertadas experiencias, que sobre a differença fizerão o Principe Chanceller do Imperio, e autros Grandes Senhores nas respectivas terras, com progressivo augmento de suas rendas, e melhoramento physico e moral dos numerosos servos que possuião; assim conclue no Liv. VIII. Cap. VII:

" A' medida que se torna mais difficil procurar escravos pela guerra, e commercio, os senhores são obrigados a tratar melhor aos escravos que possuem, e a animar a sua multiplicação, favorecendo os seus cazamentos. Então a sua sorte se adoça insensivelmente: os crioulos nascidos na mesma caza, accostumados desde a infancia ao seu estado, são menos insubordinados, e tambem os senhores tem menos precisão de usar de rigor para os reprimirem. Pouco á pouco a terra que cultivão, vem a ser a sua patria. Ellas não tem outra lingoa, e outra religião mais que a de seus senhores. Em consequencia se estabelece o habito de familia, e com elle a confiança e a humanidade da parte do Senhor &c. "

RESGATE do *Barbarismo* para o Christianismo foi o Titulo originario, justificativo, ou palliativo, da tolerancia do Trafico, á que os naturaes sentimentos repugnão. Tal he o *Nome*, que ainda agora se lhe dá nas Expedições para a Africa. Sem duvida, muitos Africanos, e seus oriundos, tem recebido por esse meio o beneficio da Religião, e da Liberdade. Mas, occasionando tanta malfeitoria, miseria, e mortandade, como pode ser compativel com o espirito da *Lei da Graça*, perpetuar males certos, para que venhão bens incertos?

A *Iniquidade mentio á si mesma*: mas a Consciencia dicta que se desempenhe a verdade do *Titulo imprescriptivel* do Resgate; e que, em consequencia, se considere a authoridade senhoreal, não pelo rigor do *direito do dominio*, mas sim pela regra do *direito do penhor*.

Portanto a Causa da Justiça e da Humanidade reclama, que o servo fiel seja protegido efficazmente pela Magistratura, não só contra a sevicia do Senhor, adoptando-se, com melhoramento, as Leis imperiaes de Antonino Pio, e de outros mais distinctos Imperadores Romanos *; mas tambem, que em todo o caso, que qualquer servo offerte ao *Juiz de paz* indemnisação equitativa, a Lei lhe assista para compellir o Senhor a dar-lhe a alforria, quer a offerecida indemnisação proceda de *peculio* da licita industria propria, quer de donativo alheio.

Na Ordenação do Reino Livro III. Tit. 65 se determina, que, em falta de Legislação Patria, os Juizes julguem pelas *Leis Imperiaes*, que se achão nas *Pandectas* do Imperio Romano, pela *boa razão* em que se fundem. Esta boa *razão* se acha nas Leis de seus melhores Imperadores em favor dos escravos realmente opprimidos, para a sua obrigatoria alforria, ou venda com *boas condições*: mas o Fôro Portuguez nunca teve em regra taes Leis. O Governo Inglez proximamente adoptou o *espirito de taes Leis* para as suas colonias; e entre os doze capitulos do Novo Regulamento, hum he não haver castigo de flagellação para as negras, e não se poderem vender sem os seus filhos.

Por este expediente, e animando-se a vinda de industriosos Europeos, he natural, que se extenda a fidelidade e activa industria dos servos, e cresça com rapidez o numero dos braços livres. Só assim he que se pode esperar que desappareça o mortificante espectaculo de tão enorme inferioridade e desproporção da *gente puritana*, que estreita o circulo dos casamentos con-

(*) Dir-se-hão Christãos, e *Santificadores do sabbado*, os que dão só o *Sabbado* livre, sem mais nada, ao escravo para adquirir o seu sustento?

vinhaveis, e extende as desigualdades das condições, e as antipathias das côres †, que assoberbão as classes superiores, e irritão as subalternas, impossibilitando homogeneidade de GRANDE FAMILIA, com Unanime Espirito Patriotico.

(†) *Côres* são effeitos da reflectida, ou absorvida, luz do sol nos corpos, conforme as latitudes, superficies, e outras circunstancias locaes: he iniquo vilipendiar alguem só pela côr.

A natureza espalhou com profusa mão o *variegado* nos tres reinos da creação. A preeminencia dada á côr branca na Especie humana, não pode excluir, nem desappreciar as outras variedades ainda nessa mesma côr. Deos criou tambem *diamantes negros*, e ainda não se deo preferencia á prata, e platina branquissima sobre o ouro de côr loura. A boa Educação he a que dá valor politico aos povos. A Igreja Catholica a todos accolhe em seu gremio, como ordenou o seu Divino Fundador, que não tem *accepção de pessoas*. Ella dá o exemplo da *Igualdade Moral* do Genero Humano, pondo os christãos de todas as côres na *Mesa da Communhão*, como reconciliados *filhos de Deos*.

INDICE

Do Apendice a Constituição Moral.